

**UNIVERSIDADE FEEVALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARCIA GISELI DOS SANTOS SILVEIRA SOUZA DA SILVA

**A LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Novo Hamburgo

2018

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARCIA GISELI DOS SANTOS SILVEIRA SOUZA DA SILVA

**A LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Grabowski
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemari Lorenz Martins

NOVO HAMBURGO

2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Silva, Marcia Giseli dos Santos Silveira Souza da.

A literatura e a construção da ética e da cidadania no ensino fundamental / Marcia Giseli dos Santos Silveira Souza da Silva. – 2018.

111 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2018.

Inclui bibliografia.

"Orientador: Prof. Dr. Gabriel Grabowski ; Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemari Lorenz Martins".

1. Literatura. 2. Ensino fundamental. 3. Cidadania. 4. Ética. 5. Roteiros de leitura. I. Título.

CDU 373.3:82

Bibliotecária responsável: Patrícia Mentz – CRB 10/2143

AGRADECIMENTOS

Realizar um curso de Mestrado é uma tarefa que exige apoio e compreensão por parte de familiares e amigos, por isso, tenho alguns agradecimentos a fazer.

Primeiramente, agradeço a Deus que concede bênçãos, vitórias, que nunca me desamparou, o grande Pai de amor e doador de vida e liberdade a todos que nEle creem.

Agradeço aos meus familiares: meu esposo Clóvis Silva que me incentivou muito para que tomasse a iniciativa de ingressar no curso de Mestrado da Universidade Feevale; à minha filhinha Rebeka, que muitas vezes precisou sair do colo da mamãe, a fim de que eu pudesse estudar, que mais de uma vez chorou querendo a mamãe e dizendo: “mamãe, posso ‘trabaiar’ com você?”; a meus pais (*in memorian*), João Maria da Silveira Filho e Tereza dos Santos Silveira, que me ensinaram os valores humanos e sempre me incentivaram a estudar para crescer e ter um futuro melhor e, embora já no final de sua vida, estando doente e necessitando de cuidados, meu pai dizia: “Filha, vai fazer as tuas coisas. O pai ‘tá’ bem”.

Agradeço, ainda, à Instituição Adventista Central Sul Rio-Grandense de Educação, principalmente, ao Departamento de Educação, na pessoa da Diretora de Educação, Professora Fabiana Nowack, e ao Departamento Financeiro, nas pessoas do Ecônomo Marcio Silva e Jônatas Rodrigues, por reconhecerem o trabalho que desempenho junto à Rede Adventista de Educação, e por incentivarem o meu aprimoramento acadêmico e profissional. Bem como, preciso agradecer, também, à Missão Ocidental Sul-Rio-Grandense, na pessoa do Pr. Paulo Borba, diretor de Educação, por permitir que eu me ausentasse em alguns momentos de minhas funções profissionais, para que pudesse me dedicar à fase final deste trabalho de conclusão de curso.

Meus agradecimentos se estendem aos colegas de trabalho David Ventura, Vandira Pinheiro, Marta Barcelos, Vitória Costa, Dalila Pereira, Caren Jardim e Marlene Garcia pela paciência, compreensão e por atenderem as demandas do nosso cotidiano de trabalho, quando eu estava nas aulas do mestrado. E, ainda, não posso esquecer de agradecer aos colegas do curso de mestrado, principalmente, a colega Eva, que me animou a continuar, quando pensei em desistir.

Agradeço, também, a todos os professores do Mestrado Profissional de Letras da Universidade Feevale, que de uma maneira ou outra me auxiliaram e desafiaram

para o meu crescimento acadêmico, bem como meu reconhecimento aos participantes da banca de qualificação, o professor Dr. Ernani Mügge e a professora Dr.^a Margarete Simionato, os quais com suas sugestões e olhares acurados deram o direcionamento deste trabalho.

Finalmente, e de maneira muito especial, meus sinceros agradecimentos ao professor Dr. Gabriel Grabowski, meu orientador, por seu constante incentivo e apoio, por acreditar em mim, por estar sempre me desafiando com prazos e metas, mas ao mesmo tempo, demonstrando preocupação e cuidado comigo, pois me escrevia ou dizia: “Reta final. Foco total. Vai dar certo.” Agradeço, imensamente, à professora Dr.^a Rosemari Lorenz Martins, minha co-orientadora, a qual foi me direcionando aos poucos, de maneira que eu sentia tranquilidade e conseguia realizar aquilo que ela havia solicitado, para que este trabalho pudesse ser concluído. O Professor Gabriel e a Professora Rose, foram mais do que professores, foram verdadeiros amigos.

“A construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que as crianças e jovens recebam informações e formação que lhes permitam atuar como cidadãos.” (Bernardo Toro)

RESUMO

Este estudo parte da compreensão de que a escola, em uma determinada sociedade e tempo e como espaço de formação de sujeitos, possui função social e várias finalidades, entre as quais se elege a educação para a ética e a cidadania. Em diálogo efetivo com a literatura, como arte de sensibilização e aprendizagem, e ancorada em duas obras de Ziraldo Pinto Alves, *O Menino Marrom* e *Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo*, esta pesquisa teve, como objetivo, criar propostas pedagógicas direcionadas para o desenvolvimento de uma consciência coletiva voltada para a concepção valores nos estudantes. O levantamento bibliográfico apresenta estudos referentes à função social da escola, os conceitos de ética e cidadania e de como as crianças os compreendem, e salienta a literatura como um dos meios pelos quais a escola pode se utilizar para formar uma consciência ética e cidadã nos estudantes do Ensino Fundamental. As duas obras selecionadas foram analisadas e serviram de base para o desenvolvimento de roteiros de leitura que têm, como propósito, motivar a construção da ética e da cidadania.

Palavras-chave: Cidadania. Ética. Literatura. Ensino Fundamental. Roteiros de leitura.

ABSTRACT

This study is based on the understanding that school, in a given society and time, and as a space for the training of subjects, has a social function and several purposes, among which education for ethics and citizenship is chosen. In a dialogue with literature, as an art of sensitization and learning, and anchored in two books by Ziraldo Pinto Alves, *O Menino Marrom* and *Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo*, this research aimed to create pedagogical proposals for the development of a collective consciousness aimed at conceptualizing values in students. The bibliographic survey presents studies related to the social function of the school, the concepts of ethics and citizenship and how children understand them, and it emphasizes literature as one of the ways by the school can form an ethical and citizen conscience in students of Elementary School. The books had been analyzed and served as the basis for the development of reading scripts that have, as a purpose, to motivate the construction of ethics and citizenship.

Keywords: Citizenship. Ethics. Literature. Elementary School. Reading script.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	17
2.1 Função social da escola e da educação	17
2.2 Ética e Cidadania segundo Diretrizes da Educação Básica e do Ensino Fundamental	20
2.3 Educação para a Cidadania	23
2.4 A educação para a ética	26
2.5 Formação Ética e Moral	28
2.6 O desenvolvimento da ética e moral pelas crianças	32
3 A LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO.....	38
3.1 A literatura e a formação do cidadão	38
3.2 Literatura e Escola	42
3.3 Literatura e leitura literária.....	44
3.4 Literatura, ludicidade e afetividade.....	47
4 A LITERATURA DE ZIRALDO E A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA	50
4.1 Ziraldo, brincando com assunto sério	51
4.2 O Menino Marrom	53
4.3 Carolina – a Menina sonhadora que quer mudar o mundo	59
4.4 A Construção da Ética e da Cidadania a partir de Roteiros de Leitura	65
5 ROTEIROS DE LEITURA.....	78
5.1 Roteiro de leitura sobre a obra O Menino Marrom, de Ziraldo	78
5.1.1 Atividade introdutória de recepção ao texto	79
5.1.2 Leitura compreensiva e interpretativa.....	80
5.1.3 Aprendendo a partir do texto	82
5.1.4 Transferência e aplicação da leitura.....	83
5.2 Roteiro de Leitura sobre o livro Histórias da Carolina - A Menina Sonhadora que quer mudar o mundo, de Ziraldo	89
5.2.1 Atividade introdutória de recepção ao texto	89
5.2.2 Compreensão oral do texto.....	91
5.2.3 Leitura compreensiva e interpretativa.....	91
5.2.4 Aprendendo a partir do texto	92
5.2.5 Transferência e aplicação da leitura.....	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
7 REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS	106

1 INTRODUÇÃO

Esta introdução começa com um breve memorial. Neste ano de 2018, completo dezenove anos de atuação como educadora no Ensino Fundamental. Iniciei minha trajetória na rede municipal, na cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS e, posteriormente, passei a trabalhar em uma rede particular e confessional de escolas, nas quais atuei como professora e, há treze anos, tenho atuado como administradora escolar, ou melhor, como diretora de escolas dessa rede em algumas cidades do Rio Grande do Sul.

Desde quando trabalhava como professora, procurei desenvolver o gosto dos alunos pela literatura e a construção de uma consciência crítica. Procurava realizar esse trabalho desde as séries iniciais, pois as crianças são muito afetivas, observadoras e apresentam grande senso de valores como: a amizade, a igualdade e a justiça, sendo dotadas de muita capacidade criativa.

Quando eu lecionava, ficava deslumbrada com a capacidade que meus alunos tinham de pensar, refletir, criar, produzir textos, dar opiniões e discutir sobre problemas da sociedade, encontrando soluções para tais problemas, muitas das quais estavam sempre ancoradas em valores e princípios éticos e cidadãos, tais como: o diálogo, o fazer o bem ao próximo, o respeito às diferenças, a proteção ao meio ambiente e muito mais.

Enquanto educadora, procurava propor atividades dinâmicas, que estimulassem o pensar, a criatividade, a autonomia, a cidadania e a ética das crianças. Muitas eram as atividades que fazíamos, de modo que as crianças estivessem cada vez mais envolvidas com a literatura, com a leitura, com a produção textual e com questões envolvendo cidadania.

A ética e a cidadania sempre fizeram parte de meu desenvolvimento e formação pessoal e hoje fazem parte de minha vida profissional e, enquanto educadora, meu objetivo é que os alunos também possam se tornar homens e mulheres com princípios éticos, que possam contribuir para o bem comum da sociedade, sabendo dialogar, respeitar, proteger e amar.

Diante disso, o presente trabalho de conclusão foi realizado a partir da Linha de Pesquisa *Reflexões sobre a Linguagem*, do Programa de Pós-Graduação e Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale e, tem como título, “A Literatura e a Construção da Ética e Cidadania no Ensino

Fundamental”. A relevância deste estudo deriva das constantes discussões da função social da escola, de como a educação pode contribuir para a formação ética e cidadã dos estudantes bem como da importância de que estes sejam sujeitos letrados, que saibam ler, interpretar, compreender e refletir sobre o texto, constituindo-se, também, como produtores de textos conscientes, para que consigam circular nos mais diversos âmbitos sociais com lucidez, autonomia e cidadania.

Este estudo parte da compreensão de que a escola, em uma determinada sociedade e em um determinado tempo, como espaço de formação de sujeitos, possui função social específica e várias finalidades, entre as quais se elege a educação para a ética e para a cidadania, em diálogo efetivo com a literatura, como arte de sensibilização e aprendizagem, ancorada em duas obras de Ziraldo Pinto Alves, cartunista, desenhista, jornalista, cronista, chargista, pintor e dramaturgo brasileiro.

A sociedade contemporânea está inserida na era digital, com a tecnologia que avança rapidamente em todos espaços. A comunicação é quase instantânea e chega a lugares distantes em fração de segundos. Os estudantes possuem o mundo na ponta de seus dedos e na palma de suas mãos um mundo globalizado e repleto de informações. Entretanto, mesmo com tanto acesso à informação e à tecnologia, a sociedade enfrenta um constante aumento da violência, da intolerância com a diversidade, do preconceito, do racismo, do *bullying*, da falta de consciência ambiental, de graves crises éticas e de valores e atitudes de cidadãos.

O Brasil e os brasileiros são conhecidos pelo tradicional “jeitinho”, uma cultura de pessoas que, de alguma maneira, procuram levar vantagem em tudo, por exemplo, na fila do banco ou do supermercado ou no transporte coletivo, aplicando golpes em pessoas desinformadas ou, ainda, encontrando um modo de sonegar ou não declarar impostos. Esse famoso “jeitinho brasileiro” é reconhecido como uma característica clássica, mas é uma cultura que necessita ser superada para que o país se desenvolva, portanto, é importante que as próximas gerações tenham uma formação ética e aprendam a praticar efetivamente a cidadania.

Nesse contexto, entra o papel da escola, como a instituição que precisa contribuir para que a mudança ocorra, pois ela tem uma função importante a

desempenhar quanto à formação ética e cidadã dos sujeitos. Embora se viva em uma era moderna e globalizada, na qual muitas são as formas pelas quais se pode obter conhecimento e informação, a função da escola na formação do cidadão continua sendo fundamental, pois ela não tem apenas a missão de construir o conhecimento, mas de contribuir para a formação de valores éticos dos estudantes. Como afirma Libâneo,

a escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana. E para quê? Para formar cidadãos participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea, o que implica articular os objetivos convencionais da escola – transmissão-assimilação ativa dos conteúdos escolares, desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo, formação de qualidades morais, atitudes, convicções – às exigências postas pela sociedade comunicacional, informática e globalizada: maior competência reflexiva, interação crítica com as mídias e multimídias, conjunção da escola com outros universos culturais, conhecimento do uso da informática, formação continuada (aprender a aprender), capacidade de diálogo e comunicação com os outros, reconhecimento das diferenças, solidariedade, qualidade de vida, preservação ambiental. Trata-se de conceber a escola de hoje como espaço de integração e síntese (...) (2001, apud COSTA, 2003, p. 23-24).

Para além do exposto por Libâneo (2001), cabe retomar o que a Constituição Federal (CF) de 1988, a LDB Nº 9.394/1996, bem como as manifestações do Conselho Nacional da Educação (CNE), por meio da Câmara da Educação Básica (CEB), as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação – DCNEB (Parecer Nº 07/2010) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (Parecer Nº 11/2010) propõem para educação básica nacional.

A Constituição Federal do Brasil de 1988, no art. 205, dispõe que a educação deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa e ao preparo para o exercício da cidadania, de modo que

a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, CF, 1988).

O pleno desenvolvimento da pessoa, estabelecido pela Constituição Federal pode ser compreendido sob vários ângulos, podendo ser nos sentidos físico, mental, acadêmico, cultural, ético, moral e cidadão, uma vez que o

exercício da cidadania é fundamental para o indivíduo. Seguindo esse propósito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, no artigo 32, o qual dispõe sobre o ensino fundamental de nove anos, determina, nos incisos I ao IV, que as escolas trabalhem de forma que o estudante domine a leitura, a escrita e o cálculo, mas que aprenda e compreenda também os valores nos quais se fundamenta a sociedade, que tenha o entendimento de solidariedade, de tolerância recíproca e que tenha a formação de atitudes cidadãs e valores éticos e morais, como se verifica na

SEÇÃO III - Do Ensino Fundamental Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (LDB, 1996).

O Conselho Nacional da Educação, por meio da Câmara de Educação Básica, propõe, no Parecer 07/2010, art. 23 e 24, que os estudantes do ensino fundamental aprendam com bens culturais, desenvolvam a leitura e a escrita, assim como princípios e valores úteis para a vida em sociedade.

Seção II – Ensino Fundamental - Art. 23. O Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 (seis) anos de idade, tem duas fases seguintes com características próprias, chamadas de anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos.

Parágrafo único. No Ensino Fundamental, acolher significa também *cuidar* e *educar*, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens.

Art. 24. Os objetivos da formação básica das crianças, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no primeiro, e completam-se nos anos finais, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo, mediante:

I - desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - foco central na alfabetização, ao longo dos 3 (três) primeiros anos;

III - compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V - fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social (DCNEB, Parecer Nº 07/2010, p. 70).

O Conselho Nacional de Educação, no Parecer Nº 11, de 2010, versa sobre as Diretrizes para o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos e estabelece princípios, os quais as escolas devem adotar, a fim de que os estudantes compreendam noções de ética, de justiça e de valorização das diferentes manifestações culturais.

Os sistemas de ensino e as escolas adotarão como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas os seguintes princípios: Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação. Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; de busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; de exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; de redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais. Estéticos: de cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; de enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; de valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira; de construção de identidades plurais e solidárias (CNE/CEB, Parecer Nº 11/2010, p. 06).

Consoante os posicionamentos dispostos anteriormente, tanto por Libâneo (2001) quanto pelos pareceres do CNE/CEB, da LDB e da Constituição Brasileira, é possível perceber a relevância da escola para a construção da ética e para a promoção da cidadania na educação dos jovens.

Nesse contexto, este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre a função social da escola e a literatura na formação dos estudantes, especialmente do ensino fundamental, cuja contribuição pode se dar de diferentes formas, como, por exemplo, promovendo o gosto pela leitura, pela produção textual, pela reflexão, pelo diálogo, pela interação e pela convivência com o outro, pela criatividade e pela formação de uma consciência ética e cidadã, considerando que é nesse período - o escolar -, que os estudantes desenvolvem, de maneira

mais acentuada, o pensamento crítico, a reflexão e compreendem, de forma mais significativa, conceitos como ética, justiça e cidadania.

Nesse sentido, a literatura pode ser utilizada pela escola como uma das maneiras pelas quais se pode promover a reflexão e a formação de uma consciência crítica, auxiliando no cumprimento do papel social das instituições educacionais, uma vez que a literatura, sendo uma espécie de arte, de formação e de educação, torna-se estratégica no processo de desenvolvimento dos estudantes. Essa perspectiva pode ser reafirmada por meio de Antonio Candido, segundo o qual, “nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e de educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (1989, p. 113).

A literatura proporciona encantamento, descoberta, prazer e alegria, ao mesmo tempo em que tem a capacidade de transformar o sujeito, suas ações e seus pensamentos, por isso sua importância no cotidiano das escolas. Concebe-se que a escola, por meio de sua prática pedagógica, constitui-se como um espaço onde se constrói a consciência, a cidadania e os valores. É nesse sentido que La Taille salienta que “a escola é uma verdadeira usina de sentidos, sentidos de vida (ética) e de convivência (moral), e não há outra instituição social que se possa dizer o mesmo” (2009, p. 80-81).

A literatura, como componente dos currículos escolares, assume um sentido de arte de formação, uma vez que instrui, educa e transforma ao mesmo tempo em que possui caráter lúdico, de prazer, de aventura, de descoberta. Um exemplo de literatura que apresenta tais características é a produzida pelo escritor brasileiro Ziraldo, a qual tem a potencialidade de unir a fantasia, a brincadeira, a descontração e a ludicidade com a discussão de assuntos e aspectos relevantes para a sociedade e para o desenvolvimento e a construção de uma consciência ética e cidadã de crianças e de adolescentes.

Ancorada no sentido de que a literatura pode ser entendida como um elemento de arte de formação, que pode promover a reflexão, o diálogo, a consciência cidadã, a formação ética e a transformação social, ao mesmo tempo em que proporciona ludicidade, prazer, descoberta, encantamento e, que a escola, por meio de suas práticas pedagógicas, seja um espaço de construção da ética e cidadania, emerge a problemática deste trabalho de conclusão de

curso: a literatura de Ziraldo pode contribuir para a construção da ética e da cidadania de alunos do ensino fundamental?

Tendo em vista que o contato com a literatura proporciona o aprendizado da ética e da cidadania, este estudo teve como objetivo geral criar propostas pedagógicas, sob a forma de roteiros de leitura, que direcionam para a construção de uma consciência voltada para a ética e para a cidadania de estudantes, a partir de obras de Ziraldo.

Partindo desse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar a construção dos conceitos de ética e de cidadania no Ensino Fundamental;
- b) compreender a importância da literatura como estratégia para a formação da cidadania;
- c) verificar em que medida as obras de Ziraldo podem contribuir para a formação de uma consciência ética e cidadã de estudantes do Ensino Fundamental;
- d) elaborar um e-book com os roteiros de leitura com roteiros de outros alunos do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Feevale, para oferecer aos professores da educação básica da região.

Para responder à questão de pesquisa e atender os objetivos propostos para o trabalho, a estrutura deste trabalho está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo constitui-se desta introdução. O segundo, “A formação da ética e da cidadania no Ensino Fundamental”, aborda a função social da educação bem como conceitos de ética e de cidadania na concepção grega - de Platão e Aristóteles – e na de autores contemporâneos, como Paulo Freire (1981), Yves de La Taille (2009), Libâneo (2001), Mario Sérgio Cortella (2014), Clóvis de Barros Filho (2017) entre outros. O terceiro capítulo, denominado “A importância da literatura para a formação do cidadão”, trata da importância da literatura para a formação do cidadão, a partir de estudos de autores como Antonio Candido (1989), Marisa Lajolo (2008), Fanny Abramovich (1999) e Regina Zilberman

(2006). No quarto capítulo, cujo título é “A construção da ética e da cidadania a partir das obras de Ziraldo”, são apresentadas algumas das contribuições de Ziraldo para a literatura com base na análise de duas de suas obras: *O Menino Marrom* e *Histórias da Carolina – A menina sonhadora que quer mudar o mundo*, evidenciando como essas obras podem contribuir para a formação de um leitor crítico, reflexivo, participativo e para a construção de uma consciência voltada para a ética e para a cidadania. No quinto capítulo são apresentadas propostas pedagógicas, sob a forma de roteiros de leitura, para aplicação com estudantes do 4º ao 6º ano do ensino fundamental, as quais são ancoradas nos estudos de Saraiva e Mügge (2006). E, para finalizar, apresentam-se as considerações finais, com os resultados desta investigação, e as referências.

Este trabalho está baseado, principalmente, nos conceitos de metodologia e pesquisa científica (PRODANOV; FREITAS, 2013), tendo uma abordagem qualitativa, e as técnicas utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a documental.

No capítulo seguinte serão abordados assuntos como a função social da educação, conceitos de ética e cidadania e como esses conceitos são construídos pelas crianças.

2 A FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

“Ainda que o conhecimento não seja garantia de um comportamento ético, a ignorância é praticamente garantia de mau comportamento”
(Nussbaum, 2015, p. 81).¹

Neste capítulo, dedicado à discussão da formação da ética e da cidadania de crianças do ensino fundamental, aborda-se, na seção 2.1, a função social da escola e da educação, na seção 2.2, os conceitos de ética e de cidadania segundo documentos oficiais do Ministério da Educação do Brasil (MEC) e de acordo com os diferentes autores escolhidos para tal, na seção 2.3 será abordada a educação para a ética, na seção 2.4 são desenvolvidos conceitos relacionados com a educação para a ética, na seção 2.5 aborda-se a respeito da formação ética e moral e, para concluir este capítulo, a seção 2.6 faz referência ao desenvolvimento da ética e moral pelas crianças, a partir de estudos de Piaget.

2.1 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E DA EDUCAÇÃO

A sociedade brasileira enfrenta, atualmente, uma infinidade de crises, e uma delas é a crise ética e moral. Percebe-se isso nitidamente no campo da política. Entretanto, a ausência da ética manifesta-se também no cotidiano da sociedade de uma maneira tão sutil, que, às vezes, passa imperceptível aos olhos, quando, por exemplo, um indivíduo para seu veículo em fila dupla para atender uma necessidade pessoal ou quando alguém utiliza um assento prioritário no transporte coletivo e não cede o lugar a quem realmente necessita dele ou, ainda, utiliza a fila preferencial em uma agência bancária ou supermercado ignorando avisos, sem que haja a real necessidade disso, para ganhar tempo. Esses exemplos acontecem tão corriqueiramente, que se tornaram comuns e viraram hábito, muitas vezes aceitos como algo natural.

Diante de um cenário como esse, o pensamento que se tem é: o que pode ser feito para mudar esse quadro? Como fazer para ensinar as novas gerações a não agirem como os que já têm esses comportamentos? Onde se devem

¹ NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015, p. 81. Tradução de: Fernando Santos.

aprender os valores morais e princípios éticos? Como se podem construir conceitos de cidadania?

A família é o primeiro reduto no qual a criança vai aprender esses conceitos fundamentais e os valores morais, o que é certo e o que é errado, assim como as noções de ética, tais como respeitar o outro, compartilhar brinquedos e, ainda, sobre cidadania, como: não jogar lixo no chão, cuidar dos animais, não arrancar as flores entre outros.

Porém, é em um segundo momento que essas noções se ampliam, ganhando mais significado e construindo conceitos que tendem a orientar a conduta da criança por toda a vida. Momento este no qual ocorre a intermediação entre a família e o mundo da escola. Na escola, aprende-se e ensina-se, a cada dia, por meio da troca de experiências e de saberes, da convivência e dos novos aprendizados. Na escola, ampliam-se conceitos e conhecimentos com o passar do tempo, constroem-se valores, aprende-se a formar opiniões, a refletir, a pensar; assim, a escola é um espaço em que se aprende a ser gente, a ser cidadão, a descobrir que é possível criar uma sociedade melhor sem preconceito e sem diferenças, respeitando o outro e o meio ambiente, valorizando a vida.

A filósofa Hannah Arendt² convida a refletir sobre o papel da escola na sociedade, na família e no mundo, fazendo uma relação entre essas instituições e destacando a importância da intermediação entre as gerações.

Normalmente é na escola que a criança faz a sua primeira entrada no mundo. Ora, a escola é, de modo algum, não o mundo, nem deve pretender sê-lo. A escola é antes a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tomar possível a transição da família para o mundo. Não é a família, mas o Estado, quer dizer, o mundo público, que impõe a escolaridade. Desse modo, relativamente à criança, a escola representa de certa forma o mundo, ainda que o não seja verdadeiramente. Nessa etapa da educação, uma vez mais, os adultos são responsáveis pela criança. A sua responsabilidade, porém, não consiste tanto em zelar para que a criança cresça em boas condições, mas em assegurar aquilo que normalmente se designa por livre desenvolvimento das suas qualidades e características. De um ponto de vista geral e essencial, é essa a qualidade única que distingue cada ser humano de todos os outros, qualidade essa que faz com que ele não seja apenas mais um estrangeiro no mundo, mas alguma coisa que nunca antes tinha existido (1961, p. 10).

² ARENDT, Hannah. **A Crise na Educação**, 1961. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017. Tradução de: Secretaria da Educação do Estado do Paraná.

Nesse sentido, a escola tem um importante papel a desempenhar na formação do indivíduo, pois é o local onde a criança, o adolescente e o jovem aprenderão, além dos conteúdos acadêmicos e científicos, conceitos e práticas sobre formação ética e cidadã. Na concepção de La Taille (2009), a formação moral da criança e do adolescente não é somente papel a ser desempenhado pela família, mas caracteriza-se como uma atribuição da escola, assim como o preparo para o exercício da cidadania, o qual compreende, também, a formação moral,

logo, não se vê por que a escola poderia delegar exclusivamente à família um item educacional que lhe cabe de direito e 'de dever'. Dito de outra forma, não há razão para se afirmar que a educação moral não é atribuição da escola (se não for, nem a formação de cidadãos o seria (2009, p. 232).

Ainda de acordo com o autor, “uma educação moral deve vir acompanhada de uma formação ética” (LA TAILLE, 2009, p. 08) e a formação - ética e moral - tem total relação com as influências sociais que o indivíduo recebe da família e da escola. Em uma entrevista concedida à Revista Época, em abril de 2011, Yves de La Taille declarou que “ética são costumes, e costumes não nascem inscritos no DNA de ninguém, por isso as influências sociais são essenciais na formação ética e moral. Para a criança, essas influências vêm da família e da escola” (LA TAILLE, 2011).

Outras reflexões e proposições são desenvolvidas pelo mesmo autor com relação ao papel da instituição escolar, sobre se ela deve tomar parte na formação moral e existencial do aluno ou se apenas deve transmitir os conhecimentos necessários para o mundo do trabalho. A posição que o autor assume é de que a escola é uma usina de sentidos, de valores, de ética e de convivência moral e que não existe outra instituição tão propícia para se trabalhar com a formação ética e cidadã das crianças, dos adolescentes e dos jovens quanto a escola, como salienta o educador e psicólogo:

mas antes de encetar minhas reflexões e proposições, preciso tomar posição sobre um 'eterno' problema: cabe a instituição escola tomar parte na formação existencial de seus alunos? Ou cabe a ela apenas a transmissão dos conhecimentos necessários ao ingresso no mundo do trabalho? Opto pela primeira alternativa. Em primeiro lugar porque me parece inconcebível que instituições nas quais as crianças e os jovens passam anos e anos possam não se preocupar com dimensões de vida que vão além da aprendizagem de determinadas disciplinas. E, em segundo lugar, porque os próprios conhecimentos transmitidos na escola são portadores de sentido que transcendem a especificidade

de cada matéria. A escola é uma verdadeira usina de sentidos, sentidos de vida (ética) e de convivência (moral), e não há outra instituição social de que se possa dizer o mesmo. No entanto, para que essa 'usina' realmente produza algo de bom, algo de rico, é preciso que quem a dirige, quem nela trabalha, se disponha a fazê-lo (LA TAILLE, 2009, p. 80-81).

De maneira semelhante, Libâneo (2003) salienta que a escola dos dias atuais é tida como um espaço onde os alunos aprendem a analisar criticamente as informações, que estão em todos os lugares e disponíveis para a maioria das pessoas no momento em que desejam, pois estão ao alcance de praticamente todos pelos meios de comunicação e pelo acesso à internet, a qual viabiliza os mais diversos materiais, como jornal, rádio, livros, revistas, TV e redes sociais. O autor ainda ressalta que, além de preparar criticamente o aluno para analisar a informação e construir conhecimentos acadêmicos e científicos, a escola tem uma responsabilidade política e social, destacando cinco aspectos pelos quais ela pode desempenhar tal função, sendo esses:

(1) Garantir o desenvolvimento das capacidades cognitivas, que é o aprender a pensar, por meio dos conhecimentos relacionados com a cultura, a ciência, a arte. Chamo isso de uma pedagogia do pensar, que seria o ponto de partida para repensar o currículo escolar. (2) Promover bases de cultura geral (saber aprender, saber fazer, saber viver junto, saber agir moralmente), visando preparação para o mundo do trabalho, incluindo o mundo tecnológico e informacional. (3) Ajudar os alunos a constituírem sujeitos na sua individualidade e na sua identidade cultural; falo no fortalecimento da subjetividade. Aqui entra a sensibilidade, a capacidade estética. Incluo aqui um forte apelo para o reconhecimento das diferenças, mas penso também em formas educativas de não esconder o conflito. (4) Formar para a cidadania, de maneira muito prática, começando pelas práticas escolares, nas formas de organização dos alunos na escola e nas próprias formas de organização e gestão da escola. (5) Formar para valores éticos, cuidar da formação de qualidades morais, convicções humanistas e humanitárias. A escola precisa ajudar os alunos a pensar metodicamente sobre valores, os alunos podem aprender a vivenciar conceitos morais e modos de agir. Veja que não são metas inviáveis (LIBÂNEO, 2003, apud COSTA, 2003, p. 26).

Os aspectos apontados pelo autor compreendem metas viáveis e possíveis de serem efetivadas, configurando a função social da escola e da educação nos processos de formação dos estudantes.

2.2 ÉTICA E CIDADANIA SEGUNDO DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DO ENSINO FUNDAMENTAL

Partindo do princípio de que a escola tem uma importante função social a desempenhar, o Ministério da Educação do Brasil manifesta-se e orienta os sistemas de ensino por meio das Diretrizes Nacionais, de Pareceres, de Resoluções e de documentos próprios sobre a formação ética e cidadã dos estudantes. No Parecer Nº 11/2010, o Conselho Nacional de Educação aponta para os objetivos que a Educação Básica deve promover. Um desses objetivos é justamente a “formação comum indispensável para o exercício da cidadania”, como disposto a seguir:

os objetivos que a Educação Básica busca alcançar, quais sejam, propiciar o desenvolvimento do educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para que ele possa progredir no trabalho e em estudos posteriores, segundo o artigo 22 da Lei nº 9.394/96 (LDB), bem como os objetivos específicos dessa etapa da escolarização (artigo 32 da LDB), devem convergir para os princípios mais amplos que norteiam a Nação brasileira (CNE/CEB, Parecer Nº 11/2010, p. 6).

Os pareceres do Conselho Nacional de Educação para a Educação Básica tratam, também, da forma como a escola deve trabalhar para promover os valores éticos e o exercício da cidadania, pois tudo o que a escola faz e ensina contém valores, atitudes e interesses. O parecer salienta, ainda, que a escola, enquanto instituição destinada à formação de crianças, jovens e adultos, apresenta em sua história uma completa ligação com o exercício da cidadania, bem como que seus ensinamentos buscam promover valores e atitudes éticas, como se verifica a seguir:

uma vez que as escolas são instituições destinadas à formação das crianças, jovens e adultos, os conhecimentos escolares dos diferentes componentes, além do processo de didatização que sofrem, passam a trazer embutido um sentido moral e político. Assim, a história da escola está indissolavelmente ligada ao exercício da cidadania; a ciência que a escola ensina está impregnada de valores que buscam promover determinadas condutas, atitudes e determinados interesses, como por exemplo, a valorização e preservação do meio ambiente, os cuidados com a saúde, entre outros (CNE/CEB, Parecer Nº 11/2010, p. 11).

Esse mesmo parecer determina que o currículo da escola não contemple apenas os componentes curriculares e as áreas do conhecimento, mas que, por meio de experiências, de vivências e de atividades diversas, a escola leve os alunos a refletirem sobre valores e a desenvolvê-los, de modo a contribuir para a formação acadêmica, ética, moral e cidadã dos estudantes. Por isso

o currículo não se esgota, contudo, nos componentes curriculares e nas áreas de conhecimento. Valores, atitudes, sensibilidades e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, visitas e excursões, pela distribuição do tempo e organização do espaço, pelos materiais utilizados na aprendizagem, pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola (CNE/CEB, Parecer Nº 11/2010, p. 15).

Outra manifestação do Ministério da Educação (MEC) consta em um documento denominado “Programa Ética e Cidadania, construindo valores na escola e na sociedade”, formulado em 2007. Nesse texto, o MEC afirma existirem, pelo menos, dois fatores importantes para que os estudantes possam desenvolver e assumir os princípios éticos, os quais precisam estar vinculados a situações práticas e reais, na perspectiva do desenvolvimento da autonomia moral pelos estudantes, ou seja, refletir, analisar e eleger valores para si de forma livre e consciente, assim como que estudantes e docentes possam conferir sentido aos conteúdos trabalhados na escola e ao serem internalizados constituem-se em valores éticos, morais e cidadãos.

para que o (a)s estudantes possam assumir os princípios éticos, são necessários pelo menos dois fatores: - que os princípios se expressem em situações reais, nas quais o (a)s estudantes possam ter experiências e conviver com a sua prática; - que haja um desenvolvimento da sua capacidade de autonomia moral, isto é, da capacidade de analisar e eleger valores para si, consciente e livremente. Outro aspecto importante desse processo é o papel ativo dos sujeitos da aprendizagem, estudantes e docentes, que interpretam e conferem sentido aos conteúdos com que convivem na escola, a partir de seus valores previamente construídos e de seus sentimentos e emoções (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 4).

Ainda nesse documento, o Ministério da Educação salienta que o trabalho para se chegar à formação ética deve se dar por meio de reflexões e de discussões acerca de sua importância para a formação do ser humano. Nesse contexto, a escola precisa considerar a realização de projetos e de ações que promovam a formação ética e cidadã dos educandos, pois a educação “é necessária para o desenvolvimento da cidadania e a para a consolidação da igualdade de oportunidades para todas as pessoas”, assim como é condição para o acesso aos bens culturais, para a população brasileira, auxiliando, portanto, o estudante a participar de forma mais crítica e ativa da vida em sociedade. Para tanto, é importante

levar ao cotidiano das escolas reflexões sobre a ética, os valores e seus fundamentos. Trata-se de gerar ações, reflexões e discussões sobre seus significados e sua importância para o desenvolvimento dos seres humanos e suas relações com o mundo. A educação formal, na sociedade contemporânea, não é condição suficiente, mas é necessária para o desenvolvimento da cidadania plena e para a consolidação da igualdade de oportunidades para todas as pessoas. Dessa maneira, tanto em seu projeto político-pedagógico como em seu planejamento institucional, a escola precisa considerar a realização de projetos e ações que, ao mesmo tempo, promovam o acesso aos bens culturais exigidos pela sociedade contemporânea e garantam uma formação política aos jovens de modo a lhes permitir participar da vida social de forma mais crítica, dinâmica e autônoma (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 05;15).

Apresentados os documentos considerados relevantes para este trabalho, na seção que segue, discute-se o conceito de cidadania.

2.3 EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

A formação ética dos estudantes deve ser articulada com a educação para o exercício da cidadania. Esta, por sua vez, é definida por Freire como “condição de cidadão, quer dizer, com uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão” (1981, apud STRECK, 2008, p. 45). De acordo com Streck (2008), a concepção de cidadania segundo Freire manifesta nas relações sociais, na coletividade e nos direitos e deveres dos indivíduos, de modo que

a cidadania se manifesta por meio das relações sociais, por meio do exercício de produzir coletividade e poder de relacionamentos continuados em favor da vivência dos direitos e deveres dos indivíduos nos grupos sociais. Um relacionamento compartilhado e participativo é condição necessária para o exercício da cidadania (2008, p. 45).

Portanto, para o autor supracitado, a cidadania é um processo de aprendizagem, de interação, de transformação e de autonomia e a palavra, *escrita* ou *falada*, muito pode contribuir para que a cidadania ocorra de fato. Sendo assim,

a cidadania se concretiza na participação transformadora da sociedade. A utilização da manifestação da palavra, o dizer ao mundo, corresponde a ser sujeito, ser cidadão. Streck, em um capítulo do livro onde caracteriza a cidadania como um processo de aprendizagem, remete-se a Freire: ‘Dizer a sua palavra era para Paulo Freire o mesmo que ser sujeito: ao dizer a palavra, o mundo começa a ser transformado, num exercício de autonomia e de criação’ [...] A cidadania aparece como expressão de interesses individuais e coletivos das pessoas que atuam sobre a realidade (STRECK, 2008, p. 76).

Cidadania e educação são conceitos que se imbricam e se complementam e, para Paulo Freire, esse era um conceito central, pois, para ele, a cidadania compreendia “a apropriação da realidade” e, nesse sentido, ao se referir ao pedagogo, Streck enfatiza que

a educação com vistas à cidadania é o objetivo de Freire desde o começo de sua atuação como educador. A cidadania em Freire é compreendida como apropriação da realidade para nela atuar, participando conscientemente em favor da emancipação (2008, p. 74).

Nesse sentido, a cidadania é um conceito que precisa ser desenvolvido e construído juntamente com o educando. As crianças necessitam ter as primeiras noções de cidadania, de maneira gradual e permanente, ampliadas e aprofundadas com o passar do tempo. Muitas são as formas como a escola pode trabalhar para que a cidadania seja internalizada e compreendida pelos estudantes.

Para Libâneo (2003), é fundamental que a escola valorize as práticas voltadas para a construção da cidadania com atividades, projetos e maneiras diversas de reconhecer as diferenças e de valorizar o outro, suas experiências e sua cultura. A cidadania global deve começar dentro das escolas com os estudantes tendo ciência de sua importância para a sociedade que os cerca e para o mundo. E também para que compreendam a escola como um espaço para a valorização, o conhecimento e o crescimento. Em vista disso,

acho importante que os alunos conheçam cientificamente os objetos de conhecimento, mas também é importante valorizar o conhecimento informal, a cultura popular, o lado da cultura do grupo social onde o aluno vive. Acho também importante a dimensão ética, valorizar práticas de pensar sobre valores, a solidariedade, a veracidade, o reconhecimento das diferenças. Valorizar a experiência estética e artística, a capacidade de expressar-se, de sentir o mundo do outro, sua cultura (LIBÂNEO, 2003, apud COSTA, 2003, p. 27).

Para que as instituições de ensino realizem um trabalho voltado para a construção da cidadania, o Ministério da Educação, em documento denominado “Ética e Cidadania - Construindo valores na escola e na sociedade” -, dispõe que a cidadania precisa ser incentivada de modo a promover a igualdade, a justiça e o bem comum da sociedade, e

em seu sentido tradicional, a cidadania expressa um conjunto de direitos e de deveres que permite aos cidadãos e cidadãs o direito de

participar da vida política e da vida pública [...]. Hoje, no entanto, o significado de cidadania assume contornos mais amplos, que extrapolam o sentido de apenas atender às necessidades políticas e sociais, e assume como objetivo a busca por condições que garantam uma vida digna às pessoas.

Deve-se buscar compreender a cidadania também sob outras perspectivas [...] e promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 11).

Dessa maneira, entende-se que a educação seja um elemento essencial para o preparo do exercício da cidadania e que necessita promover os valores da igualdade, da justiça, do diálogo, do respeito, da responsabilidade e da construção da democracia social. Tais conceitos precisam ser trabalhados e desenvolvidos no ambiente escolar, por isso o MEC, no mesmo documento sobre ética e cidadania, afirma que

aprender a ser cidadão e a ser cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 69).

Ainda, nesse mesmo texto, é ressaltado o quanto a escola precisa ir além do mero ensinamento de disciplinas e de conteúdos, empenhando-se com a construção da cidadania e a formação ética das futuras gerações, criando condições e estratégias diversificadas. Para que tal propósito seja materializado,

uma questão a ser apontada é que atualmente as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as ciências, a língua, a matemática, a história, a física, a geografia, as artes, e apenas isso. Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações. Entendemos que a escola, enquanto instituição pública criada pela sociedade para educar as futuras gerações, deve se preocupar também com a construção da cidadania, nos moldes que atualmente a entendemos. Se os pressupostos atuais da cidadania têm como base a garantia de uma vida digna e a participação na vida política e pública para todos os seres humanos e não apenas para uma pequena parcela da população, essa escola deve ser democrática, inclusiva e de qualidade, para todas as crianças e adolescentes. Para isso, deve promover, na teoria e na prática, as condições mínimas para que tais objetivos sejam alcançados na sociedade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 12).

Da mesma forma, a UNESCO reforça o entendimento de que a escola é o local onde se constroem valores e se desenvolvem atitudes positivas importantes para toda a humanidade. Em documento intitulado “Educação para

a Cidadania Global” (2015), essa entidade, ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), manifesta-se reconhecendo e reafirmando que a educação pode desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que os alunos precisam para assegurar um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável. Esse documento salienta, ainda, que o papel da educação deve ir além do desenvolvimento do conhecimento e de habilidades cognitivas. Deve assumir o papel de construir valores, habilidades socioemocionais - as chamadas “*soft skills*” - e atitudes que venham a facilitar a cooperação internacional e a promover a transformação social (p. 9). Dessa maneira, a UNESCO defende que

devemos fomentar a cidadania global. Educação envolve mais do que alfabetização e habilidades básicas de matemática, também envolve a coletividade de cidadãos. A educação deve assumir totalmente seu papel essencial em ajudar pessoas a construir sociedades mais justas, pacíficas e tolerantes³ (p. 11).

Para a UNESCO (2015), tudo isso é possível com a pedagogia transformadora, que ajude a aumentar a relevância da educação dentro e fora da sala de aula, além de engajar partes interessadas da comunidade mais ampla, que também fazem parte do ambiente e do processo de aprendizagem. Introduzir a pedagogia para a aprendizagem transformadora implica algumas mudanças, tanto no contexto individual quanto no comunitário ou institucional. As mudanças podem ser um processo de reorientação de ações habituais no âmbito individual ou um processo de mudança na comunidade, como o sistema. Dessa forma, a pedagogia transformadora leva a inovações educativas e sociais que causam mudanças para melhor.

Discutido o conceito de cidadania, na seção que segue, aborda-se o conceito de ética.

2.4 A EDUCAÇÃO PARA A ÉTICA

A ética, como a cidadania, assume grande relevância no cotidiano escolar. Ao longo do tempo, a relação entre ética e educação tem sido estudada

³ Ban Ki-moon, 2012 apud ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília, DF: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002343/234311por.pdf>>. Acesso em: 15 Dez. 2017.

e difundida entre muitos pensadores, filósofos e educadores, pois as instituições de ensino devem assumir o papel de formação dos indivíduos, não apenas nas questões acadêmicas, mas também nas dimensões éticas, morais, estéticas e cidadãs, arcando, assim, com o compromisso de formação integral do ser humano para as sociedades globais e cada vez mais complexas.

Seguindo essa perspectiva, Streck (2008) salienta que a educação como espaço de formação humana é, essencialmente, um processo de conquista e de desenvolvimento da dimensão ética e que a razão última de ser do processo educativo é possibilitar a emancipação pela mediação de uma reflexão crítica sem perder a vinculação com o ético. A educação jamais pode prescindir da formação ética, como adverte Paulo Freire: “nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos” (1997, p. 106).

Avançando ainda mais nessa direção, José Vieira de Sousa⁴ (2013), no texto “Ética e educação, que relação é esta?”, salienta que as ações humanas são baseadas em determinados valores e estes estão relacionados aos interesses que movem os atos de cada indivíduo e, portanto, a ética deve se fazer presente nas práticas escolares. Como se pode perceber,

essa premissa leva ao reconhecimento de que a ética precisa estar permanentemente presente nas práticas da escola! Para tanto, é fundamental que todos os educadores questionem o sentido de suas ações em sua prática pedagógica, afinal a ética não se ensina de forma isolada como uma disciplina qualquer. Ao contrário, ela perpassa todos os componentes curriculares, mostrando-se nas atitudes dos docentes e dos outros indivíduos que vivenciam a escola (SOUZA, 2013, p. 5).

Da mesma maneira, Streck (2008), reportando-se a Paulo Freire, enfatiza que a educação é, na sua essência, um encontro ético entre o eu e o outro. A ética, enquanto esforço de humanização e de convivência respeitosa com todos os seres, deve ser a grande norteadora de todo o processo educativo. Pois, para Freire, a ética tem relação fundamental com a educação e não é possível pensar nas relações humanas sem ela, pois

⁴ SOUSA, José Vieira de. Ética e educação, que relação é esta?, Texto disponível para leitura em disciplina do curso de Ética na modalidade EAD da Universidade Católica de Brasília, 2013. Disponível em: <http://servicos.catolicavirtual.br/conteudos/graduacao/disciplinas/cursos_virtuais/etica/html/uea_01/leituras/artigo_etica_e_educacao.pdf>. Acesso em: 22 Jan. 2018.

educadores e educandos não podem escapar à rigorosidade ética. Sem ética é impossível efetivar um projeto de educação libertador e humanizante. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 1997, p. 37 apud STRECK, 2008, p. 178).

A ética universal, é o objetivo macro da educação e deve permear todas as relações humanas, tanto com a natureza quanto com a vida, por meio de valores e de virtudes éticas. Enquanto dimensão da formação humana, a educação é, fundamentalmente, um processo de construção e de desenvolvimento da porção humana boa, portanto, ética.

Isso posto, na seção que segue, aborda-se a formação da ética e da moral.

2.5 FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL

A abordagem sobre a ética remete, inevitavelmente, ao campo da moral. Mesmo que historicamente tenham sido concebidas sob muitos contextos como sinônimas, hoje há uma distinção conceitual específica e substancial entre o campo da ética e o campo da moral, como elucidam Barros Filho (2017), La Taille (2006), Pegoraro (2010) e Cortella (2014).

Entretanto, falar em ética significa, também, reportar-se aos filósofos da Antiguidade, especialmente os gregos, os quais fornecem fundamentos para o entendimento a respeito desse tema. Segundo os estudos de Pegoraro (2010), a ética, desde Platão, estava relacionada ao bem, à virtude, ao valor da pessoa e da sociedade justa. Platão pregava a respeito disso. Ele foi instruído por seu mestre Sócrates, quando tinha 20 anos de idade. Platão acreditava na educação dos cidadãos e toda a sua filosofia estava baseada em um projeto de educação para a justiça e para um estado bem ordenado. Nessa perspectiva, a ciência dos valores era necessária para a educação moral do cidadão.

Para Platão, a vida ética não era um dom da natureza, mas o resultado de um longo, difícil e doloroso processo educativo. A educação possuía um papel

fundamental para a compreensão do sujeito no que toca à práxis em vista do bem.

A ética tinha por base a liberdade, por isso o indivíduo não nascia determinado a agir conforme princípios categóricos, mas aprendia a agir da maneira correta. Por isso, para Platão, a ética é produto da ação educacional na vida do homem, por meio da academia e da tradição da polis⁵.

Pegoraro (2010) salienta que, para Aristóteles, por outro lado, a ética e a política visavam a dois pontos centrais: formar o cidadão para a justiça e gerenciar o bem comum a todos os demais cidadãos. Era fundamental, também, a unidade do corpo social, garantida pela prática da justiça, a qual era tida como garantia e fundamento da ordem e da harmonia na diversidade dos seres humanos e nas estruturas administrativas que faziam parte da sociedade política. Aristóteles afirmava que “ao homem não basta viver, ele quer viver bem” (PEGORARO, 2010, p. 57). E, de acordo, ainda, com o autor, esse viver bem implicava a prática da ética pessoal, das virtudes morais e da convivência social. O ideal de ética e de política, para Aristóteles, estava na felicidade do corpo social e de cada cidadão.

A ética, conforme Aristóteles, fundamentava-se na realidade empírica do mundo, no questionamento acerca das condutas humanas e na organização social. Ele tinha uma teoria realista e empirista sobre a ética, a qual era, de certo modo, oposta à visão idealista e racionalista de Platão. O cultivo das virtudes, assim como para Platão, também era fundamental na concepção aristotélica, para que o homem atingisse a felicidade que consistia em ter uma vida equilibrada e “perfeita”⁶.

De acordo com o filósofo Clóvis de Barros Filho (2017), a palavra ética existe há 2500 anos, mas até trinta anos atrás era uma palavra exclusiva de especialistas, sendo que, raramente, saía do âmbito da universidade. Entretanto, em três décadas, tal termo ganhou dimensão extraordinária, sendo, hoje, uma das palavras mais repetidas nos espaços públicos, no Brasil e no mundo.

⁵ VAZ, Michelle. Ética de Platão e Aristóteles: diferenças e semelhanças. **Psicologia MSN**, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologiamsn.com/2014/10/etica-de-platao-e-de-aristoteles-diferencas-e-semelhancas.html>>. Acesso em: 30 Jul. 2017.

⁶ VAZ, Michelle. Ética de Platão e Aristóteles: diferenças e semelhanças. **Psicologia MSN**, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologiamsn.com/2014/10/etica-de-platao-e-de-aristoteles-diferencas-e-semelhancas.html>>. Acesso em: 30 Jul. 2017.

Consoante o autor, a ética veio ocupar o lugar da palavra moral, a qual, no momento, está em desuso. A moral é tudo

aquilo que você não se autoriza a fazer, é uma reflexão na intimidade da consciência sobre os limites de conduta de quem reflete sobre ela. A moral é sempre na primeira pessoa do singular, é você conversando e pensando com você mesmo sobre aquilo que você se autoriza a fazer e aquilo que você não aceita fazer (BARROS FILHO, 2017, p. 18).

A moral, portanto, está relacionada ao individual, ao particular, ao singular, é relativa a cada um, a cada grupo social. A ética, contudo, ainda segundo este filósofo, ao contrário da moral, é a

busca a identificação de comportamentos adequados, mas não na intimidade da consciência particular de cada um, e sim no coletivo, no debate, na discussão, na argumentação. (...) A ética é a inteligência compartilhada a serviço do aperfeiçoamento da convivência. É o resultado da intervenção da inteligência compartilhada com vistas a limitar a conduta de cada um visando proteger um bem maior, que é a convivência sadia e harmônica entre todos (BARROS FILHO, 2017, p. 19).

O psicólogo e professor Yves de La Taille (2006) declara que moral e ética são conceitos que, geralmente, são utilizados como sinônimos, os quais se referem a regras de conduta consideradas como obrigatórias. Essas palavras são originárias de dois idiomas que tiveram grande influência na formação das línguas modernas: o latim e grego. A moral é originária do latim e a ética, do grego. Essas línguas representam duas culturas antigas que valorizavam a reflexão sobre os costumes e deveres dos homens, os quais eram tidos como temas centrais de discussões de filósofos e pensadores.

Para La Taille (2006), também existem diferenças entre moral e ética. Uma das mais utilizadas é o conceito relacionado ao público e ao privado, ou seja, a moral refere-se a relações privadas, como, por exemplo, os comportamentos e as condutas que um bom pai ou mãe devem ter. Já a ética refere-se ao público, ao coletivo, por isso, utilizam-se termos como códigos de ética em empresas, em escolas, na política, na pesquisa, na família, na religião, nas diferentes sociedades, épocas e culturas. Nesse contexto, a palavra “moral” estaria em desuso por lembrar, imediatamente, palavras como “moralismo” e “moralista”, as quais estão relacionadas à rigidez, à abrangência excessiva de regras e normas e à vigilância extrema da conduta alheia. Devido a tais questões, a sociedade moderna passou a utilizar mais o termo “ética”, o qual

teve uma melhor aceitação, pois se relaciona com a coletividade e pretende encontrar algo que seja comum a todos os conteúdos, nas diversas esferas da sociedade.

Adentrando no sentido de coletividade, Mario Sérgio Cortella e Clóvis de Barros Filho, na obra *Ética e Vergonha na Cara* (2014), postulam que “a rigor, uma sociedade ética seria aquela em que todos agiriam da mesma maneira” (p. 41). Os autores salientam, entretanto, que não se pode esperar que a sociedade seja perfeita para existir a ética, pois “se formos esperar uma sociedade ideal para que a ética possa existir, é possível que ela não venha a existir nunca” (p. 35).

Para o professor Clóvis, “não há possibilidade de um entendimento da ética se não houver, na formação de cada um, respeito prioritário pela existência do outro” (2017, p. 21), pois a ética somente existe na relação com o outro, para o outro, em instituições que praticam a justiça e visam ao bem alheio, não ao próprio bem. A ética não é narcisista, pois visa ao bem do outro.

Outra ideia sobre ética apontada por La Taille (2006) propõe que “falar em ética é falar em busca de uma ‘vida boa’, ou se quiserem, de uma vida que ‘vale a pena’ ser vivida” (p. 29). O professor ressalta que a reflexão sobre a ética deve responder ao seguinte questionamento: “que vida eu quero viver?”, ao passo que com relação à indagação moral a pergunta deve ser: “como devo agir?” (p. 29-30).

Nessa linha de reflexão, La Taille trabalha, também, com o conceito de Plano Ético e Plano Moral. O Plano Moral refere-se a deveres, tais como: ser justo, generoso, digno ou honrado, no sentido da “honra-virtude”. Já o Plano Ético refere-se à busca da “vida boa” no sentido de “uma vida boa, para e com outrem em instituições justas” (RICOEUR, 1990, p. 202, apud LA TAILLE, 2009, p. 08). Os Planos Ético e Moral são descritos e assumidos pelo autor na perspectiva de que

é aqui que reencontramos nossa tese sobre as relações entre os planos moral e ético. Lembremos que assumimos que a energética do sentimento de obrigatoriedade, essencial ao plano moral, deve ser procurada no plano ético na busca de representações de si com valor positivo. Lembremos também que o auto respeito e sentimento que une os planos moral e ético, pois ele é, por um lado, expressão da expansão de si próprio – portanto, elemento da ‘vida boa’ –, e, por outro, causa essencial do sentimento de obrigatoriedade –, portanto

motivação para a ação moral: respeita a moral quem, ao fazê-lo, respeita a si próprio. Logo, o desenvolvimento moral e o fortalecimento do sentimento de obrigatoriedade que o inspira deve ser explicado pela construção de uma personalidade ética. Em outros textos, empreguei, com Puig e outros, o termo 'personalidade moral' (ver La Taille, 2002). Mas agora, com a perspectiva de articular os planos moral e ético, parece-me mais correto empregar a expressão 'personalidade ética', pois a ética engloba a moral, a expansão de si, o sentimento de obrigatoriedade (LA TAILLE, 2006, p. 133).

Toda educação tem como finalidade última a formação moral e ética por meio do desenvolvimento da autonomia dos estudantes, tanto a autonomia intelectual - pensar com a própria consciência e ser capaz de produzir as próprias ideias -, a autonomia política - exercendo a cidadania com os respectivos direitos e deveres - como a autonomia ética, que consiste em desenvolver princípios, valores e virtudes próprios que orientem para a vida boa e feliz que todos almejam.

A autonomia não pode ser confundida com autossuficiência ou independência. Etimologicamente, autonomia é a condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural que determina a si a norma à qual se submete. Como a autonomia é "condição" de como ela se dá no mundo e não apenas na consciência dos sujeitos, sua construção envolve dois aspectos: o poder de determinar a própria norma e o poder ou capacidade de realizá-la.

Sendo a autonomia a condição de quem determina a própria lei, a quem é determinado algo por alguém estranho a si, configura a heteronomia, que é a condição de uma pessoa ou de uma coletividade que recebe do exterior a norma à qual é submetido. No desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, o desafio é, pela educação, transformá-los em sujeitos com liberdade de escolha e autonomia ético-moral.

Sendo assim, na sequência, aborda-se o desenvolvimento da ética e da moral pelas crianças.

2.6 O DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E MORAL PELAS CRIANÇAS

Além de compreender os conceitos sobre ética, moral e cidadania, é fundamental entender como eles são desenvolvidos e construídos pelas crianças. Lia Beatriz de Lucca Freitas (2002), no artigo "Piaget e a Consciência Moral: Um Kantismo Evolutivo?", aborda que um dos fundamentos para a

construção dos conceitos de ética e moral pelas crianças é a afetividade. Essa professora de Psicologia cita Ferenczi (1909-1991) para elucidar a questão da obediência das crianças a seus pais, dizendo que há uma relação de amor entre eles, por isso, as crianças obedecem a eles de bom grado. Então,

poder-se-ia esperar que elas considerassem as exigências de seus pais visando orientar seu comportamento e atos como uma coerção exterior, portanto uma fonte de desprazer. Com efeito, é esse o caso nos primeiros anos de vida, quando a criança só conhece satisfações autoeróticas. Mas o aparecimento do amor objetual modifica a situação por completo. Os objetos de amor são introjetados: são mentalmente integrados ao ego. A criança ama seus pais, ou seja, identifica-se com eles, sobretudo com o do mesmo sexo... Nessas condições, a obediência deixa de ser um desprazer... Naturalmente, essa obediência espontânea tem um limite que varia segundo os indivíduos e, quando esse limite é transposto pelas exigências dos pais, quando a pílula amarga da coerção não está envolta na doçura do amor, a criança retira prematuramente sua libido dos pais, o que pode levar a uma perturbação brutal do desenvolvimento psíquico (FERENCZI, 19-, p. 101, apud FREITAS, 2002, p. 304).

A relação entre a construção dos conceitos de ética e moral pelas crianças e a afetividade foi abordada por Piaget no livro *“O julgamento moral na criança”*, editado pela primeira vez em 1932, no idioma francês. Nessa obra, Piaget realiza uma espécie de pesquisa com crianças de diferentes idades, trabalhando com o jogo das bolinhas. Ele compara as regras desse jogo às regras morais e encontra subsídios para estudar como as crianças adquirem uma consciência autônoma. As regras do jogo, como as regras morais “se transmitem de geração em geração e se mantêm unicamente graças ao respeito que os indivíduos têm por elas” (PIAGET, 1932/1992, p. 2 apud FREITAS, 2002, p. 305).

Ainda a respeito da relação entre desenvolvimento moral e afetividade, ancorada em Piaget, a autora afirma que,

em outras palavras, ele traça um paralelo entre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento da afetividade e mostra que a emergência dos sentimentos morais faz parte de um processo mais amplo: o desenvolvimento da afetividade. Já em *O julgamento moral na criança*, nós encontramos a ideia de que as relações afetivas que se estabelecem entre os seres humanos estão na origem da ação moral: ... a condição primeira da vida moral (...) é a necessidade de afeição recíproca (PIAGET, 1932/1992, p. 138, apud FREITAS, 2002, p. 305).

Sendo assim, a partir das regras dos jogos de bolinhas, Piaget identificou níveis nas crianças, no que competia à construção das regras. O primeiro nível

seria o estágio *motor e individual*, que vai de zero aos dois anos de idade. Nesse nível, a criança manipula objetos de acordo com sua vontade e com seus hábitos motores. A criança não tem consciência da regra, pois a faz de acordo com seus movimentos, sendo que, nesse estágio, a regra não é obrigatória.

O segundo estágio é o do *egocentrismo*, que vai dos dois aos seis anos de idade. Nele, as crianças procuram seguir as regras de acordo com o que os mais velhos fazem, porém, não estão preocupadas se irão ganhar ou perder. Elas costumam jogar com outras crianças, mas é cada uma por si. Nesse período, a regra é uma verdade absoluta, vista como algo que não pode ser alterado. As crianças querem jogar de acordo com regras exteriores e possuem um sentimento de coação pelo adulto, ou seja, seguem as regras mesmo não as entendendo e até contra sua vontade, obedecendo “cegamente” e não questionando sobre elas.

O terceiro estágio é o da *cooperação*, que acontece entre os sete e doze anos de idade. Nesse estágio, cada criança já tem seu próprio entendimento sobre a regra, sentindo a necessidade de ganhar. Surge, também, a demanda das partidas serem regulamentadas e de vencer os adversários. Nesse estágio, a regra é imposta pelo sentimento coletivo, sendo que o grupo pode realizar alterações nas regras.

O quarto estágio é o da *codificação das regras*, que acontece a partir dos doze anos de idade e é marcado pela consciência coletiva das regras e pela sua generalização. Os jogadores preocupam-se com códigos e desenvolvem o interesse em formular as regras. Nessa fase, as crianças identificam-se com as regras e concordam com elas.

Com relação à construção da consciência de regra, existem três outras regras:

- a) a *regra motora*: que está relacionada aos hábitos motores, na qual existe de maneira muito acentuada o sentimento de repetição e ritualização dos esquemas de adaptação;
- b) a *regra coercitiva*, que acontece quando a regra é imitada, sendo obrigatória e é observada pelo meio social, estando relacionada ao respeito à autoridade e ao respeito unilateral;
- c) a *regra racional* está relacionada ao respeito mútuo, ocorre quando a criança discute, pensa, reflete sobre as regras e busca soluções.

A partir dos estudos e das observações que realizou com as crianças, Piaget verificou que existem dois tipos de pensamento moral, que são: o *pensamento moral efetivo* e o *pensamento moral teórico*. O pensamento moral afetivo é aquele que é construído aos poucos e se dá de acordo com a experiência de cada indivíduo, provocando uma reflexão sobre seus atos, enquanto o pensamento moral teórico é o que não passa pela reflexão e não provoca mudança de comportamento do indivíduo.

As crianças apresentam, também, o que é chamado de *realismo moral*, que apresenta três etapas: a) primeiramente, acontece como um dever heterônomo, uma obediência “cega” aos adultos; b) em um outro momento, as crianças seguem as regras ao pé da letra, não sendo capazes de fazer abstrações; c) posteriormente, as crianças entendem o julgamento do ato pelo dano material que este causa e não pela intenção de quem o provocou.

Piaget identificou, inclusive, que as crianças fazem concepções sobre a justiça em três tipos, que são:

- a) *justiça imanente*: é aquela na qual as crianças associam o erro que cometem às correções que recebem, sendo que entendem que as correções são automáticas, mesmo que não tenham nenhuma relação com o ato que, por ventura, foi praticado;
- b) *justiça retributiva*: apresenta a correção ou punição como uma consequência natural do ato. Existem dois tipos de sanções ou correções: a expiatória e a reciprocidade. A sanção expiatória não admite relação entre o ato e o castigo, a correção mais justa é aquela mais severa. Já a sanção de reciprocidade permite agir para compreender as consequências dos atos;
- c) *justiça distributiva*: é a justiça da igualdade e acontece quando as crianças se encontram em um estágio mais avançado, no qual já são capazes de enxergar os outros e respeitá-los. Existem dois níveis para esse tipo de justiça. No primeiro nível, a criança não considera as diferenças entre os indivíduos, o que é certo, é certo para todos; no segundo nível, ela já consegue considerar a situação particular de cada um.

Além da justiça, existem os tipos de respeito constituídos pelas crianças que são o *respeito unilateral* e o *respeito mútuo*. No respeito unilateral, as crianças seguem as regras dos adultos e o respeito mútuo ocorre quando elas entendem porque devem respeitar o outro.

Após identificar todas essas fases da construção do entendimento das regras morais pela criança, Piaget identificou três fases pelas quais ela passa para, realmente, chegar ao pensamento autônomo:

- a) *anomia*: é a fase da consciência centrada no eu. Vai de zero aos cinco anos de idade;
- b) *heteronomia*: é a fase em que a criança entende as regras, como se fossem impostas a partir do exterior, gerando um sistema de regras obrigatórias. Baseia-se no princípio de autoridade, no respeito unilateral e nas relações de pressão. Encontra-se, de fato, na maioria das relações entre o adulto e a criança. A noção de justiça, nessa fase, baseia-se primeiro na obediência à autoridade e no ato de evitar o castigo. E as proibições devem ser necessárias, dolorosas e arbitrariamente castigadas. Aos poucos, a justiça começa a se fundamentar na igualdade, deixando de ser retributiva para ser distributiva, saindo da fase de igualitarismo. A criança compreende a necessidade das regras e da autoridade, entendendo que o controle está no outro, no adulto. Começa a existir uma tomada de consciência pelo outro e toda obrigação da regra vem com um sentimento de respeito à autoridade do outro⁷;
- c) *autonomia*: surge do próprio indivíduo como um conjunto de princípios e de justiça. Apresenta-se de maneira mais espontânea, voltada para sentimentos de bem. Baseia-se no princípio da igualdade, no respeito mútuo e nas relações de cooperação. Surge, também, como uma forma de equilíbrio nas relações sociais. Sua prática é correta por ser o resultado de uma decisão livre e racional. A responsabilidade é julgada em função

⁷ ARAÚJO, Ulysses. Vídeo Aula: O Juízo Moral da Criança. Disponível em: <https://coordenandoospassos.wordpress.com/2011/09/18/aula-3-o-juizo-moral-na-crianca/>. Acesso em: 15 Dez. 2017.

de intenção. As leis e as regras são opções que o sujeito faz. Considera a intencionalidade dos atos⁸.

Piaget declara que é preciso considerar todas as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende, pois essas relações afetivas são formadoras de seu juízo moral. Como se observa a seguir,

com efeito, é essencial compreender que, se a criança traz consigo todos os elementos necessários à elaboração de uma consciência moral ou razão prática, como de uma consciência intelectual ou razão, simplesmente, nem uma nem outra são dadas prontas no ponto de partida da evolução mental e uma e outra se elaboram em estreita conexão com o meio social: as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende serão, portanto, propriamente falando, formadoras, e não se limitarão, como geralmente se acredita, a exercer influências mais ou menos profundas, mas de alguma maneira acidentais em relação à própria construção das realidades morais elementares (1972/1988, p. 95 apud FREITAS, 2002, p. 305).

Considerando-se esta revisão sobre a construção da ética e da moral pelas crianças, pode-se dizer que as crianças para as quais os roteiros elaborados para este trabalho são direcionados (alunos do 4º ao 6º anos do ensino fundamental) já são autônomos, capazes de entenderem as regras do jogo.

Após essas contribuições de Piaget para a construção da noção de ética, cidadania e da autonomia, no capítulo seguinte, reflete-se sobre a contribuição da literatura, por meio da imaginação narrativa, na formação dos estudantes do ensino fundamental. Desenvolver a capacidade de pensar - como deve ser encontrar-se no lugar de uma pessoa diferente de nós, de ser um intérprete inteligente da história dessa pessoa - e de compreender as emoções, os anseios e os desejos, portanto, colocar-se no lugar do outro e respeitá-lo. A literatura tem este poder, o de transportar.

⁸ *Ibidem.*

3 A LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

“É claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros.”
Bill Gates⁹

Após discorrer sobre como se estabelecem os conceitos de ética e de cidadania pelas crianças e compreender, também, a função social da escola e as diversas maneiras pelas quais a escola pode contribuir para a construção de uma consciência voltada para a ética e a cidadania com estudantes do ensino fundamental, este capítulo vem apresentar a literatura como uma arte de formação e como um dos meios pelos quais a escola pode valer-se para desenvolver e erigir tais conceitos, sabendo que a literatura envolve noções de ludicidade e afetividade.

Assim, na seção 3.1, aborda-se a literatura e a formação do cidadão; na seção 3.2, trata-se da literatura e da escola; na seção 3.4, a literatura e a leitura literária; e, na seção 3.5, da literatura, da ludicidade e da afetividade.

3.1 A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

A literatura é de grande relevância para a formação de seres pensantes e criativos, tornando-os indivíduos capazes de produzir sentidos a partir do que leem, articulando a realidade do texto lido com a vivência do real. Nesse sentido, reforçar os valores sociais vigentes, visto que ela não é somente arte, mas, também, um importante instrumento de transformação social.

Em “A literatura e a formação do homem”, o sociólogo e professor Antonio Candido discorre sobre a função humanizadora da literatura, considerando suas três funções: a psicológica, a função formadora ou formativa de tipo educacional

⁹GATES, Bill apud DAHER, Elias. **A Culpa é da Informática**. Brasília: Clube de Autores, 2015, p.126. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=DQSVcQAAQBAJ&pg=PA126&lpg=PA126&dq=%E2%80%9C%C3%89+claro+que+meus+filhos+ter%C3%A3o+computadores,+mas+antes+ter%C3%A3o+livros.%E2%80%9D&source=bl&ots=jBnZwXs7ti&sig=5-__FiLvu51lbMPR7HbxCLMqM7Y&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiL5LqtmYLZAhWSvVMKHf0XAH8Q6AEIWD AJ#v=onepage&q=%E2%80%9C%C3%89%20claro%20que%20meus%20filhos%20ter%C3%A3o%20computadores%2C%20mas%20antes%20ter%C3%A3o%20livros.%E2%80%9D&f=false>. Acesso em: 31 Jan. 2018.

e a função social ou de conhecimento de mundo e de ser. Nesse sentido, ela é indispensável a todos, pois contribui não somente para o enriquecimento intelectual e cultural, mas também para desenvolver o senso crítico e ampliar a visão de sociedade. Para Candido, a literatura “não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver” (1989, p. 113).

A primeira das funções a que se refere Antonio Candido é a chamada psicológica, devido a sua ligação estrita à capacidade e à necessidade que o ser humano tem de fantasiar. A necessidade de fantasiar é expressa por meio de devaneios nos quais todos se envolvem, diariamente, seja por meio de músicas, de novelas, e de filmes ou ao idealizar sobre o amor, o futuro ou sobre algo que tenha sentido para a vida. Candido (1989) ressalta que, dessas modalidades de fantasia, a literatura seja, talvez, a mais rica.

Entretanto, as fantasias expressas pela literatura possuem base na realidade, não surgem do acaso, portanto, é por meio dessa ligação com o mundo real que a literatura exerce sua segunda função: a função formadora. A função formadora ou formativa acontece no sentido de que a literatura, enquanto arte, expressa realidades que, na maioria das vezes, as ideologias dominantes não desejam mostrar. Nesse sentido, Candido (1999) afirma que

a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe (1999, p. 84).

A terceira função da literatura, apontada por Antonio Candido, refere-se à identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na obra literária. Essa função é denominada de social ou de conhecimento de mundo e de ser e possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade do mundo que o cerca, quando o transporta para o mundo da ficção. Essa função provoca a integração do leitor com o universo em que vivem as personagens retratadas na obra literária, aproximando leitor e personagem e, culminando na identificação de uma realidade que não é a sua, mas que faz parte de uma cultura própria, diferente

daquela da qual participa. Tal integração faz com que o leitor incorpore a realidade da obra às suas próprias experiências, uma vez que “o processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo” (1989, p. 6).

Além das três importantes funções da literatura, o autor defende, ainda, que, para se ter um equilíbrio social, é necessário que a população tenha acesso à literatura, uma vez que esta causa inquietações ao trazer problemas relacionados com a sociedade em geral. As oposições e relações entre a leitura realizada e a realidade vivida levam o leitor a pensar criticamente sobre sua realidade e agir sobre ela, pois “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (1989, p. 117).

Antonio Candido reforça que a literatura deve ser trabalhada de modo a promover a educação e a instrução, além de possibilitar a reflexão sobre os problemas e as situações vividas no cotidiano das pessoas, pois

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (1989, p. 113).

Desse modo, a literatura assume um papel de grande potencialidade para a escola e a sociedade devido à função humanizadora que possui. Candido avalia que “a literatura é o sonho acordado das civilizações” e que não existe equilíbrio social em uma sociedade sem a literatura, por causa disso, ela é fator indispensável de humanização. E, em relação a isso, o autor declara que:

portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, suas crenças, os seus sentidos, as suas

normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (1989, p. 112-113).

Para Amorim¹⁰ (2007), a literatura tem uma capacidade extraordinária de emancipar o indivíduo e de dar a ele a autonomia necessária para viver sua vida, bem como de conduzir o sujeito leitor para muito além da mera informação ou mesmo do conhecimento. Contudo, para Walter¹¹ (2014), a literatura é um meio de manifestação na qual o exercício da liberdade de expressão e imaginação fomenta, do ponto de vista cívico, o exercício das humanidades.

No artigo “Literatura Infanto-juvenil - A diversidade étnico-racial na obra “O Menino Marrom”, de Ziraldo”, Hunhoff e Souza atestam que a literatura é a arte da palavra, ao mesmo tempo em que se configura como uma ferramenta para o exercício e a construção da cidadania, pois

a literatura é a arte da palavra, meio pelo qual torna o ser humano um ser único e distinto entre as demais espécies. A literatura pode ser uma ferramenta na construção da cidadania, quando incentivada, desenvolvida, e assimilada, tanto na escola como na vida privada, capaz de fazer o indivíduo conhecer o mundo e compreendê-lo melhor (2014, p. 2).

A literatura pode ser entendida como a arte da palavra, a arte de formação, pois, ao mesmo tempo em que ela trabalha com a palavra, com o belo, com a arte, com o encantamento, com o despertar de emoções também compreende a reflexão, a emancipação do indivíduo, a compreensão da vida, amplia o conhecimento de mundo e transforma o pensamento e, por tudo isso, a leitura literária deve ser incentivada na escola. Nesse sentido, Brito firma que,

na Literatura, o homem, por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria o texto por meio do qual se manifesta o seu discurso, que está presente na obra de arte. A Literatura é a arte da palavra, ou melhor, dizendo, a palavra é a matéria-prima da Literatura. Na Literatura, a obra, por meio da palavra, traz um olhar do belo. Assim, os diversos textos passam a ter várias atribuições no seio da vida social. São vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem,

¹⁰ AMORIM, Galeno. **Leitura e Cidadania**, 2007. Disponível em:

<<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/10/26/leitura-e-cidadania>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

¹¹ WALTER, Letícia. **A Didática da Literatura na Perspectiva da Formação de Professores de Língua Portuguesa**: Reflexos e contributos para a escola e sociedade. 2014. 102 f.

Dissertação (Mestrado em Literatura de língua portuguesa) - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014. Disponível em:

<[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/26809/1/Dissertação%20de%20Mestrado%20\(co%20rigida\).pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/26809/1/Dissertação%20de%20Mestrado%20(co%20rigida).pdf)>. Acesso em: 01 Ago. 2017.

geralmente, não imitações da vida, mas metáforas da vida, que conduzem a uma melhor compreensão desta (2010, p. 31).

Nesse sentido, entende-se que a literatura somente conseguirá exercer sua função humanizadora e de arte de formação do cidadão e de agente de transformação social se for incentivada pela família e realizada na escola, em todos os seus níveis de ensino, de forma sistemática, como parte do currículo escolar.

Sendo assim, discute-se, a seguir, a relação entre a literatura e a escola.

3.2 LITERATURA E ESCOLA

Para que a literatura cumpra seu papel social e para que se construa um sujeito leitor crítico, que tenha propriedade em utilizar a palavra escrita e falada, atuante na sociedade e que exerça plenamente sua cidadania, é fundamental que a escola trabalhe com a literatura. Zilberman afirma que “escola e literatura são parceiras há muito tempo” (2006, p. 11). Conforme a pesquisadora, desde os tempos antigos, dos gregos da Antiguidade, os professores utilizavam a poesia para ensinar seus alunos a ler e a escrever e, naquele tempo, aprendia-se a ler e a falar bem. Com o passar do tempo, essa relação perdeu-se um pouco, porém, a literatura sempre desenvolveu importante papel na escola e na formação do cidadão. A autora retoma, ainda, que “escola e literatura, cada qual, seguindo o seu curso, marcharam juntas, consolidando a parceria milenar” (p. 11).

Tal parceria, à qual a autora se refere, tem grande relevância, uma vez que a escola, muitas vezes, mais que a família, é tida como o agente da sociedade que incentiva o gosto pela literatura, que proporciona ao estudante o contato com as obras literárias e que incentiva o aluno a realizar leituras voltadas para a construção de um pensamento crítico.

Nos dias atuais, é fundamental que a escola incentive e promova o contato dos estudantes com as obras literárias, pois, com a constante modernização da sociedade e com o crescente avanço da tecnologia, muitas crianças e jovens deixaram de ter o gosto pela leitura - a qual, durante muito tempo, desempenhou importante papel na vida social das pessoas -, mas, por causa da mídia, das redes sociais e do fácil acesso ao entretenimento com modernos equipamentos

eletrônicos, a literatura não tem mais ocupado uma posição de destaque na rotina das famílias e das escolas. Nesse sentido,

a literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na 'sociedade do espetáculo', a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco à espetacularização. [...] Cabe, portanto, à família e à escola resgatar o valor dessa arte que sempre foi fator fundamental na formação dos indivíduos (FLECK, 2007, p. 14).

Sendo a literatura uma arte de formação, as instituições escolares podem valer-se dela para amenizar e até mesmo erradicar problemas presentes nas escolas brasileiras tais como o bullying, a violência, o preconceito, o racismo, entre outros, uma vez que a escola ao utilizar a literatura como uma aliada para pensar e abordar esses problemas sociais, estará indo além da simples transmissão do saber, pois estará formando não apenas leitores, mas também cidadãos, já que a escola tem a tarefa de promover, incentivar a literatura e formar o público leitor, como salienta Zilberman em

[...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (1991, p.16).

A promoção da leitura e da leitura literária pela escola deveria ocorrer como uma prática cotidiana, com a finalidade de formar leitores competentes, sujeitos preparados para o exercício da cidadania. Zilberman enfatiza que existem três razões importantes para que a escola não perca de vista o incentivo à leitura e realize um trabalho eficaz com a literatura em sala de aula, que são:

a primeira justificativa tem natureza prática: se a escola deixar de formar leitores, romperá a parceria com a literatura e, talvez, veja ameaçada sua própria sobrevivência. A segunda tem caráter funcional: o ensino pode mostrar-se mais agradável e interessante, tanto para estudantes quanto para professores, se incluir mais poesia ou literatura no cardápio. A terceira razão tem cunho pedagógico, apontando para a razão de ser da educação: formar leitores significa preparar sujeitos para o exercício consciente da cidadania, a convivência saudável consigo mesmo e com os outros, a experiência lúdica com o imaginário (ZILBERMAN, 2006, p. 12).

Na escola, os professores, precisam trabalhar com a literatura de forma sistematizada e presente na sala de aula, não apenas esporadicamente, mas

como parte da rotina escolar. Em relação a isso, Abramovich faz a seguinte afirmação:

ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente - o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo. [...] É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios [...] (1999, p. 143).

A escola necessita trabalhar com a literatura e incentivar o contato com essa arte de formação, pois ela tem a propensão de ser um significativo agente de formação e de humanização, porque desperta para o pensamento crítico, para a criatividade, para a reflexão, para o exercício da cidadania e para a construção do saber.

Isso posto, discute-se um pouco mais, na seção que segue a questão da leitura literária.

3.3 LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA

Para que a literatura, realmente, consiga desempenhar seu papel como agente de arte de formação e para que seja construída uma consciência ética e cidadã pelas crianças e pelos jovens, a escola tem a importante tarefa de realizar um trabalho consciente voltado para a valorização e a promoção da leitura literária, pois esse tipo de leitura construirá bases para a vida pessoal e acadêmica do indivíduo.

Entende-se que a leitura é uma necessidade vital para o ser humano, principalmente, em uma sociedade letrada e tecnológica como esta em que se vive atualmente. A leitura revela o próprio eu, ao mesmo tempo em que proporciona um melhor conhecimento do mundo em que se vive. “Aprender a ler, significa, também, aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a cada um de nós” (MARTINS, 1984, p. 34 apud FRANTZ, 1997, p. 12).

Nesse sentido, compreende-se, também, que ser leitor não significa apenas ler e responder questões sobre o texto ou sobre um livro lido. “Ser leitor é muito mais que isso. É ir além do próprio texto, é inseri-lo em seu próprio contexto” (SOUZA, 1997, p. 3). É, inclusive, ir além de seu tempo e de seu espaço, bem como utilizar a leitura como uma forma de transformação pessoal

e social. Para tanto, “a leitura deve ser mediadora entre o leitor e o mundo para que a partir dela, se possa redimensionar valores e vislumbrar novos horizontes para si e para a sociedade” (RESENDE, 1985, p. 52 apud FRANTZ, 1997, p.16).

A leitura é caminho para a conquista da autonomia e, para Frantz (1997), é um ato emancipatório que ultrapassa os limites da escola e permite ao leitor um aprofundamento de seu conhecimento do mundo. No artigo “Família e escola: em busca da formação do leitor”, Revoredo e Souza¹² afirmam que

a leitura é um dos instrumentos fundamentais para que o indivíduo construa seu conhecimento e exerça a cidadania. Ela, além de ampliar nosso entendimento do mundo; propicia o acesso à informação com autonomia e permite o exercício da fantasia e da imaginação, estimulando a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias. Ou seja, é, simultaneamente, objeto de conhecimento e instrumento de aprendizagem. Neste sentido, o ato de ler é cada vez mais, ferramenta essencial ao desenvolvimento pessoal e social (2010, p. 1).

Contudo, a leitura de frases ou de textos soltos não é suficiente para o desenvolvimento de um leitor crítico, reflexivo, que consiga construir uma consciência ética e cidadã. Para tanto, é necessário que se enfatize a leitura literária nas salas de aula, pois esta é uma importante ferramenta a ser trabalhada pela escola, a fim de que o aluno aprenda a questionar, a formular opiniões, a refletir, a ampliar seus horizontes em relação aos mais diversos assuntos. No documento Língua Portuguesa: Ensino Fundamental, do Ministério da Educação, é enfatizado que

as pessoas não se comunicam apenas para vender produtos, informar sobre um acontecimento, noticiar um fato, mas também para contar uma história inventada ou brincar com palavras, já que aqui estamos tratando de narrativas e poesias para crianças. Se a criança ainda não teve muitas oportunidades de participar de situações criativas de uso da linguagem, é necessário que a escola cuide disso, para que os alunos percebam que existem diferentes formas de interagir com os textos da cultura escrita, entre elas uma avessa a pragmatismos. São muitos os livros que, explorando essa passagem do oral para o escrito, propiciariam um bom convívio daqueles que aprendem a ler com textos da esfera discursiva literária (MEC, 2010, p. 111).

A leitura literária deve complementar o domínio da escrita e da leitura informativa e o estímulo e o gosto por esse tipo de leitura precisam ser

¹² REVOREDO, Mariana e SOUZA, Renata Junqueira de. Família e escola: em busca da formação do leitor. **Revista UNIFAFIBE**, São Paulo 2010, p. 01. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9803212-Formacao-do-leitor-papel-da-familia-e-da-escola.html>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

valorizados na educação básica, uma vez que leituras de obras literárias ampliam o pensar, o refletir e o agir dos estudantes. Conforme Silva (2003),

as relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Contudo, esta noção parece perder-se diante de outras concepções que ainda orientam as práticas escolares (SILVA, 2003, p. 515).

De acordo com Lajolo, “ler é essencial para se viver em uma sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial”, “a leitura literária também é fundamental” (2008, p. 106). A leitura literária, torna-se fundamental porque

é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente[...] (LAJOLO, 2008, p.106).

No artigo “O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor”, Gilmei Francisco Fleck enfatiza que a escola precisa explorar todas as potencialidades da literatura e que a leitura deve provocar emoção e fazer sentido ao aluno, a fim de que seja internalizada e promova mudança de sentido, como é possível entender a partir de que

nossas escolas precisam aprender a explorar toda a potencialidade das ‘historinhas’, das aventuras, ficções, contos, poemas e romances, e não deixar que apenas ocorram leituras evasivas, que não ultrapassem os limites da emoção e que sejam usados tão corriqueiramente como atividades e exercícios de relacionar personagem, eleger ações prediletas, comentar atitudes e características das personagens, entre outros, nas poucas aulas de literatura (FLECK, 2008, p. 24).

A leitura literária promove inúmeros benefícios para o indivíduo e para a sociedade, tais como a ampliação do vocabulário e da visão de mundo, o desenvolvimento de um olhar e um pensamento críticos, a integração social e uma consciência ética e cidadã, ao mesmo tempo em que tem importante parcela para a ludicidade e para a afetividade, o que é discutido na seção que segue.

3.4 LITERATURA, LUDICIDADE E AFETIVIDADE

Embora a literatura assuma um papel importante na escola e na sociedade com sua função humanizadora e social, voltada para a construção da consciência ética e cidadã e, sendo um agente de transformação social, não se pode esquecer que ela apresenta seu caráter lúdico, prazeroso, de aventura, de descoberta, de emoção, de encantamento, de risadas, de fantasia, de beleza e de emoção. No que toca a isso, Abramovich defende que

é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer [...] Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo [...] Ler sempre foi maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (1999, p. 14-17).

Dessa maneira, considera-se que, utilizando todo o caráter lúdico e de formação que a literatura possui, a escola pode fazer muito, a fim de que crianças e adolescentes aprendam ética e cidadania ao ler, escrever, pesquisar, criar uma peça teatral, cantar uma música, observar a comunidade em que vivem, explorar e conhecer novas histórias, novos saberes, ter novas experiências, tornando-se a cada dia sujeitos pensantes, reflexivos, críticos e transformadores. Seguindo esse raciocínio, Gregorin Filho ressalta que

[...] poderemos realmente levar muitas crianças a ampliar e educar seus olhares para a literatura, e para a arte, a se transformarem em leitores plurais, e conseqüentemente em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade (2009, p. 137).

A literatura como arte tem a capacidade de transformar as pessoas, porque está relacionada aos sentimentos humanos, e a literatura infantil desempenha muito bem esse papel, pois o público-alvo desse tipo de literatura está formando seu caráter, aprendendo sobre valores, entendendo a importância da afetividade, da valorização do outro, enfim, as crianças estão construindo aprendizagens para a formação de sua vida pessoal.

Em relação a isso, Baldi (2009, p. 09) declara que a literatura “como qualquer outra forma de arte, é capaz de nos tornar pessoas melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desperta o que de melhor existe em

nós”. Entretanto, a literatura está relacionada à subjetividade e aos afetos, pois vai além do plano racional e contempla os sentimentos, os sonhos e as sensações, tanto que

a literatura nos afeta, nos tira do lugar onde estávamos. E no caso da literatura infantil, essa propriedade se torna ainda mais relevante. A literatura não tem que ensinar nem dar lição de moral. Não tem que deixar clara a história ou os versos nem ser datada (livros para criança de 7 ou 9 anos), a literatura não é linear, nem objetiva, nem tem data de vencimento; ela vai além do plano racional, está mais próxima do plano dos afetos, da subjetividade. Aquilo que fala dos nossos sentimentos, sensação e sonhos (PARREIRAS, 2009, p. 24).

A literatura infantil, ao fazer parte do cotidiano da criança, auxilia no aprimoramento da linguagem e no desenvolvimento intelectual e emocional, ao mesmo tempo em que aumenta a possibilidade de criação e de imaginação. Conforme Abramovich:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...] (1999, p. 16).

Para Zilberman (1984), o prazer que a literatura proporciona à criança vai além do que se pode medir, pois compreende um grande enriquecimento pessoal, gerando subsídios para a compreensão do real, por meio da relação com o imaginário, sendo que

as pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica (ZILBERMAN, 1984, p. 107).

Segundo Frantz, a literatura é uma experiência significativa e gratificante para o leitor, auxiliando na busca por respostas às indagações pessoais e sociais, ao mesmo tempo em que é brincadeira, é fantasia, é beleza, é emoção, de modo que frisa que

a literatura torna-se uma experiência significativa e gratificante para o seu leitor, pois auxilia na ordenação do seu mundo e na busca de respostas às suas infinitas indagações a respeito de si mesmo, do outro e da realidade que o cerca. [...] Por outro lado, não se pode esquecer que assim como a criança, a literatura é também ludismo, jogo, fantasia, beleza e emoção (FRANTZ, 1997, p. 30).

Tendo apresentando a educação e a literatura como processos educativos e compreendido a literatura em sua função humanizadora e formadora, de indagação, de reflexão, fazendo a intermediação entre o real e imaginário, ao passo que se apresenta como arte, como brincadeira, como afetividade, como ludicidade, o capítulo a seguir procura elucidar como a literatura produzida por Ziraldo pode desempenhar tais papéis, além de contribuir para a construção da formação de uma consciência ética e cidadã de leitores do ensino fundamental.

4 A LITERATURA DE ZIRALDO E A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA

“Ler é mais importante que estudar”.

Zirald¹³

O segundo capítulo deste trabalho de conclusão de cursos de mestrado abordou a respeito da função social da escola, do quanto as instituições de ensino podem colaborar para a construção da ética e da cidadania, pois, como afirmou Libâneo (2001 apud Costa 2003), a escola que se sonha é aquela que irá proporcionar a formação cultural e científica, tanto para a vida pessoal quanto para a profissional e para a cidadã. A escola deve possibilitar que o sujeito saiba dialogar, tenha pensamento crítico e autônomo, que seja solidário, entenda as diferenças raciais e as desigualdades sociais, cuide do planeta e tenha valores morais.

Foi visto, também, que instituições como a UNESCO propõem que se construa um pensamento voltado para a cidadania global e para a formação ética. O Ministério da Educação do Brasil defende e apoia a ideia de que a escola deve trabalhar para a construção de valores úteis à sociedade, que a escola ensine os estudantes a pensarem, que eles saibam agir com ética, que entendam seu papel na sociedade, que tenham atitudes cidadãs com o outro, com o meio ambiente, que tenham consciência de que podem fazer seu melhor para que se viva em um mundo mais justo, humano e sem desigualdades sociais e étnico-raciais.

Muitas são as maneiras pelas quais a escola pode desempenhar sua função social e uma delas é a partir do trabalho com a literatura, a qual, ao mesmo tempo em que se apresenta como arte de formação, atua como um meio de reflexão, de interação e de construção de um pensamento voltado à autonomia, à ética e à cidadania, pois envolve a fantasia, a ludicidade, a alegria, a descoberta e a brincadeira, elementos que fascinam e despertam o interesse nas crianças. E, como citado, anteriormente, de acordo com Piaget (1972) as

¹³ PINTO, Ziraldo Alves. **Ler é mais importante que estudar**, 2009. Disponível em: <<http://olharparaver.blogspot.com.br/2009/09/ler-e-mais-importante-do-que-estudar.html>>. Acesso 25 Jul. 2017.

crianças constroem seus conceitos de valores e suas regras a partir das relações afetivas, do lúdico e das interações com o meio social.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta a literatura de Ziraldo, o qual, em suas obras, faz a integração entre arte, fantasia, ludicidade e afetividade, proporcionando ao leitor refletir sobre assuntos diversos, que contribuem para a construção do pensamento crítico e para o desenvolvimento de uma consciência ética e cidadã.

4.1 ZIRALDO, BRINCANDO COM ASSUNTO SÉRIO

Ziraldo é um autor dotado de versatilidade e suas obras possuem um caráter lúdico e prazeroso, assim como procuram despertar no leitor o gosto pela leitura. Por meio de textos e de personagens divertidos, como o Menino Maluquinho e a sua turma, o artista promove a leitura e suas obras abordam temáticas que possibilitam a construção de um pensamento crítico e reflexivo.

Ziraldo também se revela um defensor da leitura e da prática dela no cotidiano das escolas. Ele a vê como uma possibilidade de aquisição de autonomia e como uma maneira de crescimento e de evolução da educação no Brasil, pois, para ele, um indivíduo só está preparado quando sabe ler, escrever e interpretar aquilo que leu.

Conforme publicação feita pela *Revista Literatura*, do UOL¹⁴, em fevereiro de 2017, para Ziraldo, a única saída para a evolução da educação é a prática da leitura, porque ler é o “melhor remédio”, tanto para a interpretação quanto para a produção textual. O texto da página da UOL enfatiza também que, segundo ele, a literatura é capaz de ampliar a visão de mundo, fundamentar a cidadania e elevar competências e habilidades, pois a leitura não é obrigação, mas um hábito que deve ser agradável e enriquecedor. E, de acordo com as palavras de Ziraldo (2017, S/P), “[...] menino tem, antes de tudo, que aprender a ler e escrever como quem respira. Com um detalhe: tem que aprender a gostar de ler, a descobrir que o livro é o melhor amigo [...]”.

¹⁴ PINTO, Ziraldo Alves. A educação por Ziraldo. **Revista Literatura Uol**, São Paulo, SP, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.literatura.uol.com.br/a-educacao-por-ziraldo/>>. Acesso em: 25 Jul. 2017.

Em uma entrevista ao *Jornal do Brasil*¹⁵, em agosto de 2003, Ziraldo expôs que “ler é mais importante do que estudar”, enfatizando que a leitura é de suma importância no Ensino Fundamental e que o indivíduo só está preparado quando sabe ler, escrever e interpretar aquilo que leu. Em sua opinião, a leitura possibilita que a pessoa adquira autonomia e um dos seus objetivos é fazer com que o brasileiro comece a gostar de ler desde a infância. Nesse sentido, o autor declarou que

sem saber ler o suficiente pra entender o que lê, e sem saber escrever para expressar-se plenamente, como é que ele vai estudar? [...] Como é que um menino pode estudar se ele não sabe ler, não é capaz de entender um texto, não consegue se expressar escrevendo? (ZIRALDO, 2003, S/P).

Ziraldo, entretanto, tem recebido críticas em relação à declaração de que “ler é mais importante que estudar”. Sobre isso, o escritor diz que a frase é de efeito e serve para despertar a atenção das pessoas sobre a questão da leitura, na medida em que constatou que existe um fato grave no Brasil: as crianças não sabem ler.

Ziraldo é considerado um escritor-artista “popular”, um “gênio”, um eterno menino, que, com suas obras, incentiva, influencia e desperta a criatividade, o pensamento crítico e as emoções de muitos meninos e meninas pelo país e pelo mundo. No artigo “A obra de Ziraldo como representação do cotidiano escolar da criança”, Vieira, Bragatto e Kepler¹⁶ salientam que

a obra de Ziraldo tem o poder de envolver magnificamente o leitor e o personagem, sem que o mesmo perca o sentido crítico, fazendo com que o leitor se transporte do real para o imaginário e participe da ação de forma que o texto e leitor se misturem. Os temas escolhidos pelo autor conquistam os leitores infantis na medida que fazem parte da realidade de suas vidas. Ziraldo aborda temas polêmicos e delicados, porém reais e significativos no cotidiano infantil como o mistério da criação, a morte, o corpo, a família, as diferenças, a ecologia entre outros, além de utilizar o mítico e o simbólico, a fantasia e a realidade, a cor (...) com a intenção de despertar os sentimentos, as emoções. Autores como Ziraldo que conseguem levar o leitor a perceber a graça escondida nos detalhes

¹⁵ Id., **Ler é mais importante que estudar**, 2009. Disponível em: <<http://olharparaver.blogspot.com.br/2009/09/ler-e-mais-importante-do-que-estudar.html>>. Acesso 25 Jul. 2017.

¹⁶ VIEIRA, Renata da Silva; BRAGATTO, Thaís; KEPLER, Vera Lúcia Merbach Vila. **A obra de Ziraldo como representação do cotidiano escolar da criança**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: ISEU, 2005. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoesanteriores/anais15/alfabetica/BragattoThais.htm>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

que apresenta, nas entrelinhas de suas observações, nas notas ao pé-da-página (20--, S/P).

Abramovich (1999) salienta que autores infantis que conseguem unir a reflexão sobre assuntos importantes com o lúdico, com a brincadeira, com a poesia e com o encantamento, levam o leitor a perceber velhas coisas sem preconceitos, sem estereótipos, sem repetir o já sabido e, assim, surpreendem-no de maneira criativa, fazendo-o sorrir, pensar, rir, refletir e rever ideias e posições, enfim, olhar o mundo de maneira bem-humorada.

A partir do que evidenciaram os autores acima citados, é visível a contribuição das obras de Ziraldo para o enriquecimento do trabalho com crianças pequenas na escola, direcionando-as para a construção de uma consciência ética e cidadã. Por isso, desenvolveu-se este projeto que toma como base duas obras do autor *O menino Marrom* e *Carolina – a Menina sonhadora que quer mudar o mundo*, as quais são apresentadas a seguir.

4.2 O MENINO MARROM

A obra *O Menino Marrom* conta uma história de amizade e de companheirismo entre dois meninos: o menino Marrom e o menino Cor-de-rosa. Eles são amigos desde a infância e vão crescendo e fazendo novas descobertas, mas a amizade entre eles continua por toda a vida. A narrativa de *O Menino Marrom* é uma história que diz não ao preconceito, mostra a valorização do outro, além de ser uma leitura que possibilita ampliar o conhecimento de mundo, por meio da intertextualidade com outras obras, com outros autores, com personalidades e conteúdos.

O livro *O Menino Marrom*, escrito e ilustrado por Ziraldo, foi editado, pela primeira vez no ano de 1986. A narrativa é construída a partir de vários temas, que se entrelaçam: as diferenças, os valores humanos, a amizade, o comportamento, a curiosidade e as questões raciais¹⁷. Além disso, apresenta muitas intertextualidades, abrindo possibilidades para um amplo trabalho em sala de aula.

¹⁷ SÁ, Cristina. *O Menino Marrom*, de Ziraldo. Disponível em: <https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com.br/2014/09/o-menino-marrom-de-ziraldo.html>. Acesso em: 30 Jul. 2017.

O Menino Marrom e o Menino Cor-de-rosa são amigos desde a educação infantil. Eles brincam, divertem-se e fazem muitas descobertas juntos. Frequentam a mesma sala de aula e são vizinhos. Os meninos, entre tantas brincadeiras que fazem todas as tardes, decidem brincar com tintas e descobrem algo que os deixa inquietos. Descobrem que a mistura de todas as cores é marrom e, a partir disso, emergem muitas descobertas e questionamentos. Mesmo com o passar do tempo, os meninos continuam amigos, e essa amizade perdura até a idade adulta, quando cada um toma o rumo de sua vida, sem findar a amizade.

O autor-artista inicia a narrativa descrevendo o menino Marrom com riqueza de detalhes, relacionando sua cor com o chocolate, que evidencia algo bom e legal, utiliza, ainda, elementos da natureza como as jabuticabas para caracterizar seus olhos e objetos como teclas do piano para comparar a beleza de seus dentes. O autor também utiliza palavras no diminutivo, dando delicadeza aos traços do rosto do menino Marrom.

Era uma vez um menino marrom. Ele era um menino muito bonito. Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite.[...]

Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza.[...]

O menino marrom tinha os dentes claros, certinhos, certinhos. Pareciam as teclas de um piano.[...]

Quando o menino ria, era aquela luz no meio do seu rosto marrom.[...]

Os cabelos eram enroladinhos e fofos. Pareciam uma esponja. [...]

Falta descrever as bochechas do menino marrom, seu queixinho pontudo, sua testa alta, bem redonda, tudo harmoniosamente organizado no seu rosto. E, finalmente, falta descrever seu nariz. [...]

Uma bolinha maiorzinha no meio de duas menorzinhas, uma de cada lado, em volta das narinas. Um desenho perfeito. (ZIRALDO, 2013, p. 3-4).

Ziraldo também descreve o menino Cor-de-rosa com detalhes, utilizando adjetivos no diminutivo para descrever seu rosto e cabelos, dando mais vida e delicadeza ao personagem, como é possível perceber no trecho a seguir:

Ele era muito clarinho [...] todo mundo achava que ele era cor-de-rosa. Principalmente porque ele tinha o rosto muito coradinho. Que ele era um menino muito bonito, acho que dá pra ver pelo desenho, não dá? Tem algumas diferenças do menino marrom. [...]

O cabelo dele era amarelado – mais pro amarelo do que pro castanho - lisinho como rabo de cavalo. Só que muito, muito fino. Caía na testa e dançava com o vento, de tão leve. Os lábios eram fininhos, como um

risco debaixo do nariz. O nariz era pontudinho e os olhos meios azuis, meio verdes, meios castanhos. [...] Que brilhavam de alegria, quando ele via chegar o menino marrom [...] (ZIRALDO, 2013, p. 10).

Pelas descrições dos meninos feitas com riqueza de detalhes, utilizando adjetivos no diminutivo e analogias com elementos da natureza e com objetos conhecidos, Ziraldo vai desconstruindo ideias de preconceito que possam existir. Dessa maneira, a narrativa faz o leitor pensar que todos podem ser bonitos, e, ao mesmo tempo, iguais, e que todos possuem muitas qualidades, independentemente da sua cor ou etnia. Com relação a esse assunto, Hunhoff e Souza afirmam que,

em 'O Menino Marrom', o narrador não dá margem interpretativa a nenhum tipo de preconceito sobre a cor do menino. [...] Ao escrever dessa forma, o narrador desarma o leitor de um possível preconceito pré-existente, em suas experiências sociais, ao não enaltecer apenas as qualidades de um dos meninos; afirma que, de maneira individual, todos possuem a sua beleza. Assim, retransmite em todo o texto características positivas tanto para o menino marrom, quanto para o menino cor-de-rosa, desconstruindo possíveis estereótipos que ocorrem na sociedade em relação a questões raciais, que marginalizam as pessoas pela sua cor [...] (2014, p. 4-5).

As descobertas feitas pelo menino Marrom e pelo menino Cor-de-rosa, principalmente, no que se refere à mistura das cores, desencadeiam muitas dúvidas e discussões que podem ser exploradas em atividades que levem o leitor a uma cidadania consciente e livre de preconceitos étnico-raciais.

[...] Foi numa tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris. E aí, sabe o que deu? A mistura das cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro. O menino marrom olhou para aquela cor que ele tinha inventado e falou: 'Olha aí, é a minha cor!' Os olhinhos do menino cor-de-rosa brilharam como eles brilharam diante de suas descobertas. E ele disse: 'Sua cor é a soma de todas as cores!' (ZIRALDO, 2013, p. 15-16).

Em vista de seu tema, a narrativa abre possibilidades para questionamentos e reflexões para o leitor sobre o porquê de a sociedade fazer distinções étnico-raciais; pois, mesmo em uma sociedade moderna, como a que se vive atualmente, ocorrem, ainda, muitos episódios de preconceito e de racismo, principalmente, em relação a pessoas negras e isso pode ser trazido para a sala de aula, de modo a conscientizar os estudantes de que o preconceito prejudica a convivência saudável e harmoniosa e desvaloriza o outro. Esse exemplo pode ser explorado a partir do trecho que segue, levando os estudantes

a compreenderem conceitos de ética e cidadania como o respeito e a boa convivência.

Um dia aquela história do preto e do branco voltou-lhe à cabeça. [...] Quem foi que inventou que o preto é contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro? (ZIRALDO, 2013, p. 29).

Nesse sentido, o livro permite ao estudante refletir sobre a importância da valorização do outro, da igualdade e da convivência harmônica entre os indivíduos, independente de sua raça ou cor, vindo ao encontro do que defende Libâneo:

acho importante que os alunos conheçam cientificamente os objetos de conhecimento, mas também é importante valorizar o conhecimento informal, a cultura popular, o lado da cultura do grupo social onde o aluno vive. Acho também importante a dimensão ética, valorizar práticas de pensar sobre valores, a solidariedade, a veracidade, o reconhecimento das diferenças. Valorizar a experiência estética e artística, a capacidade de expressar-se, de sentir o mundo do outro, sua cultura (2003 apud Costa, 2003, p. 27).

Vários trechos da narrativa podem ser explorados para refletir e discutir sobre preconceito, levando o aluno a pensar e dar sua opinião sobre o assunto em questão, atestando, assim, a função formadora da literatura apontada por Antonio Candido, quando este afirma que, “nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e de educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (1989, p. 113), como foi visto no segundo capítulo deste trabalho. Hunnof e Souza também defendem a realização de reflexões voltadas para esse assunto, pois afirmam que, “a partir das reflexões do menino marrom, podemos identificar que ele, o personagem, tinha consciência de que havia o preconceito social étnico-racial. Por isso tentava compreender a existência dessa contradição das cores branca e preta” (2014, p. 5). Um dos trechos da obra que possibilita a reflexão e a construção de um pensamento crítico sobre preconceito e sobre diferenças étnico-raciais é o seguinte:

Nessa de saber de cor e de luz – matérias que passaram a interessá-lo profundamente – o menino marrom começou a entender por que é que o branco dava uma ideia de paz, de pureza e de alegria. E por que razão o preto simbolizava a angústia, a solidão, a tristeza. Ele pensava: o preto é escuridão, o olho fechado; você não vê nada. O branco é olho aberto, é a luz! (ZIRALDO, 2013, p. 29).

Nesse excerto, o autor-artista faz analogias com as cores para falar sobre as etnias e, de maneira bem-humorada, leva o leitor a pensar na diversidade cultural e a refletir a respeito de que todos compõem a sociedade, que as pessoas não podem ser divididas em apenas duas cores: brancas e pretas, pois o mundo é feito de pessoas de muitas cores e raças,

o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas. Mesmo porque elas não existem. O que existe – que boa descoberta! – é gente marrom, marrom-escura, marrom-clara, avermelhada, cor de cobre, cor de mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café com leite, bronze, rosada, cor-de-rosa, e todos esses nomes aproximados e compostos de cores e variações (ZIRALDO, 2013, p. 18).

A partir da exploração deste trecho da obra, é possível levar o estudante a despertar para a formação da consciência cidadã, a ter um pensamento voltado para a valorização do outro, para o entendimento da importância de respeitar as diferenças e repelir qualquer tipo de preconceito, como aconselha o Ministério da Educação:

deve-se [...] promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social (2007, p. 11).

A narrativa *O menino Marrom* possibilita a realização de pesquisas e de atividades diversas para ampliar a compreensão dos estudantes e levá-los a construir novos conhecimentos, uma vez que é possível realizar um amplo trabalho interdisciplinar, explorando uma série de assuntos e de conteúdos de diversas disciplinas, como é possível verificar a partir do trecho a seguir:

Quer ver? Outro dia mesmo, os dois amigos estavam vendo um filme interplanetário e apareceu um desses heróis intergalácticos aí, descendo com uma nave num planeta qualquer. O menino marrom, então, perguntou pro menino cor-de-rosa:
O homem vai, de verdade, à Lua?
E o menino cor-de-rosa respondeu: 'atualmente, não!'
Assim mesmo: Atualmente, não. E completou: 'Eles iam, antigamente.'
E é verdade: antigamente!
Foi em 1969 – olha quanto tempo faz! – que os homens foram à Lua pela primeira vez, e nunca mais ninguém voltou lá. (ZIRALDO, 2013, p. 13-14).

Nesse trecho, o autor brinca com elementos intertextuais e os coloca na narrativa, levando o leitor a novos conhecimentos e a refletir sobre vários

assuntos e, como aborda Abramovich (1999, p. 14), “[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...]”. No fragmento a seguir, o autor utiliza elementos intertextuais para enfatizar a importância da amizade e do companheirismo, “e ninguém inventa moda sozinho. É preciso ter um parceiro. O Tom Jobim fez uma canção linda onde ele fala que ‘é impossível ser feliz sozinho’” (ZIRALDO, 2013, p. 08).

Enfim, a obra de Ziraldo trabalha de uma forma lúdica com os opostos, com as diferenças, criando a “Teoria dos Contrários”: o branco e o preto, a luz e a escuridão e, no final do livro, o autor enfatiza essa teoria, ao relatar como está a vida dos meninos, quando se tornam adultos. Essa ideia de contrários, entretanto, de oposição, se dá nas escolhas que cada personagem faz, nas preferências que tem e na maneira como escolheu viver sua vida. A ideia de escolhas opostas apresentada pelo autor evidencia o valor de cada um dos personagens, o que, ao ser transposto para o real, mostra que todos são importantes e merecem ser respeitados e valorizados, independentemente de sua cor, raça ou das escolhas que faz, como é possível observar no trecho que segue.

Um é craque de basquete e o outro, de voleibol; um já está quase formado e o outro não estuda mais - ou os dois já se formaram, todos dois já são doutores - já nem posso precisar. Só sei que um desistiu de tocar a bateria e o outro fez um samba e gravou uma canção; um está tocando flauta e o outro, violão. Um deles já se casou - se casou eu não sei bem - e o outro perdeu a conta das namoradas que tem. [...] Um dos dois é muito alegre e o outro mais quietinho; um faz piadas com tudo e os dois riem juntos. Um é um cara ótimo e o outro, sem qualquer dúvida, é um sujeito muito bom. Um já não é mais rosado e o outro está mais marrom (ZIRALDO, 2013, p. 31).

Ao caracterizar os dois meninos, durante toda a narrativa, cada um com suas diferenças de uma forma bela, com arte, com leveza e, ao mesmo tempo, discutir assuntos polêmicos como o preconceito e as diferenças étnico-raciais, Ziraldo vai ao encontro daquilo que Brito define como literatura, a qual traz um olhar do belo, que desperta emoções, suscita prazer pela leitura, ao mesmo tempo em que leva à reflexão sobre o real a partir da ficção,

na Literatura, a obra, por meio da palavra, traz um olhar do belo. Assim, os diversos textos passam a ter várias atribuições no seio da vida social. São vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o

prazer do texto e constituem, geralmente, não imitações da vida, mas metáforas da vida, que conduzem a uma melhor compreensão desta (2010, p. 31).

Apresentada a obra, fica evidente de que ela pode ser utilizada para desenvolver um projeto de leitura para crianças do ensino fundamental com o intuito de desenvolver a ética e a cidadania. Sendo assim, apresenta-se a seguir a obra *Histórias de Carolina - a Menina sonhadora que quer mudar o mundo*.

4.3 CAROLINA – A MENINA SONHADORA QUE QUER MUDAR O MUNDO

Na obra *Histórias da Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo*, editada pela primeira vez em 2007, Ziraldo conta várias histórias de Carolina, uma personagem alegre, simpática e inteligente que faz parte da turma do Menino Maluquinho. Carolina, ou Carol, como é chamada pelos amigos, é definida assim por Ziraldo:

a Carolina é uma menina muito sensível. Sente amor pelas plantas, horror à injustiça, paixão pela vida e imensa pena dos animaizinhos. Aliás, deve ser por isso que ela é vegetariana. E já estava por dentro de problemas de ecologia quando o resto da turma ainda nem se ligava no assunto (e olha que essa turma é sabida) (ZIRALDO, 2007, p. 3).

O autor caracteriza Carolina como uma menina sonhadora, mas que tem personalidade, estilo e ideias próprias, ao mesmo tempo em que tem um jeitinho calmo, que se equilibra com os outros personagens da narrativa. Ziraldo diz também o seguinte sobre a personagem Carolina:

quem olha a figura dessa menininha toda sonhadora pode achar que ela é a mais frágil da Turma do Maluquinho. Não é. A Carolina tem muita personalidade e muitas ideias próprias. Por exemplo: passa a moda e a Carolina continua usando seu vestido verde de saia rodada, suas meias três-quartos e suas marias-chiquinhas. Eis uma menina de estilo (ZIRALDO, 2007, p. 3).

Ao se mostrar-se como uma menina de personalidade, sonhadora, com ideias próprias, que se preocupa com questões ambientais, cultivando um jardim em seu condomínio e fazendo de tudo para cuidá-lo e protegê-lo, Carolina surge como alguém dotada do que La Taille (2006, p. 133) chama de “personalidade ética”, em que a ética engloba a moral, sendo a expansão de si e tendo o sentimento de obrigatoriedade. Carolina apresenta, de forma bastante

contundente, o sentimento de obrigatoriedade como outro, com o coletivo, com a cidadania, ao ter a iniciativa de cultivar um jardim em seu condomínio, pois “a cidadania se concretiza na participação transformadora da sociedade” (STRECK, 2008, p. 76).

Ao cultivar um jardim no prédio onde mora, Carolina, de maneira bem-humorada, tenta conscientizar a todos sobre a importância de cuidar das plantas. Esse livro traz várias histórias em quadrinhos sobre Carolina e a turma do Menino Maluquinho, porém, neste trabalho, serão abordadas somente as histórias “Carolina e as plantas” e “O jardim de Carolina”, que contam, em 11 episódios, tudo o que Carolina faz para proteger o jardim que cultiva no seu condomínio.

Essa obra de Ziraldo apresenta de forma lúdica a preocupação da personagem Carolina com as questões ecológicas, levando o leitor a refletir sobre a prática de ações que venham a contribuir para a preservação ambiental.

Na história “Carolina e as plantas”, a personagem Carolina, ao chegar a sua casa com mais um vaso de plantas, é surpreendida por sua mãe, que a manda retirar todas as plantas de casa, pois a menina havia enchido a sala de sua casa com diversos tipos de plantas. Ela fica desapontada, mas, com a ajuda da amiga Julieta e dos amigos meninos - como o Maluquinho, Bocão, entre outros -, tentam encontrar um lugar onde possam deixar as plantas. Eles vão até a floresta da cidade, mas não deixam as plantas, porque o guarda florestal falou que lá ocorrem incêndios. Foram então até o Jardim Botânico, mas não havia lugar para as plantas de Carolina. Entre um lugar e outro, as crianças foram surpreendidas por um carro que parou e uma distinta senhora quis saber de quem eram as plantas. Carolina respondeu que ela era a proprietária. A mulher resolveu comprar todas e levá-las para casa. Carolina ficou feliz em saber que suas plantas estariam bem cuidadas e, ainda, conseguiu umas “verdinhas”, como ela se refere ao dinheiro que recebeu pela venda das folhagens.

A história “O Jardim de Carolina” inicia logo após Carolina ter vendido as plantas que cultivava em sua casa. Carolina tem a iniciativa de fazer um jardim no condomínio onde mora e recebe incentivo dos amigos e de moradores do prédio em forma de presentes, como regador, luvas, pá, avental e até flores de plástico para cultivar o jardim, mas ninguém lhe oferece ajuda de fato. O amigo Maluquinho levou até minhocas para Carolina colocar em seu jardim.

O projeto de Carolina vai crescendo, tomando forma, até se transformar em um belo jardim, o qual vira uma espécie de “atração” do condomínio, pois lá acontecem muitas coisas, como: brincadeiras dos meninos, piquenique, sessão de fotos e muito mais. Carolina está sempre cuidando de seu jardim e defendendo-o de qualquer coisa que possa prejudicá-lo.

No final, Carolina resolve transformar o jardim em uma horta. Os moradores do condomínio não percebem a mudança e falam com Carolina como se ela ainda cultivasse o jardim. Todos os episódios da narrativa são acompanhados de ilustrações sobre as fases da lua, relacionando-as com as épocas de plantio, crescimento e florescimento das plantas, e, quando a personagem planta verduras em vez de flores, é lua nova.

Com essa obra de Ziraldo é possível realizar um trabalho com estudantes do Ensino Fundamental, levando-os a tomarem consciência de que cada um precisa fazer a sua parte. Carolina faz a parte dela ao ter amor pelas plantas e ao tentar protegê-las da melhor maneira possível, tomando a iniciativa de cultivar um jardim. A personagem Carolina não espera que outro faça o que ela pode fazer e isso vem ao encontro do que defende Cortella (2014, p. 35), quando afirma que “se formos esperar uma sociedade ideal para que a ética possa existir, é possível que ela não venha a existir nunca”.

A personagem Carolina é uma menina dotada de consciência cidadã, pois, ao tomar a iniciativa de cultivar um jardim em seu condomínio, bem como de providenciar os meios para isso, como por exemplo, pedir autorização ao síndico, a personagem está demonstrando que, realmente, tem atitudes e ideias próprias como o autor a caracterizou. Além disso, por meio de suas atitudes, Carolina consegue envolver os amigos em suas causas e sabe agir com respeito, mesmo que eles a desapontem, como se pode perceber nos seguintes diálogos entre Carolina e as personagens Julieta, Jô, Shirley e outra moradora do condomínio:

“é verdade que você vai fazer um jardim aqui no condomínio, Carolina?
É sim! Falei com o síndico e ele adorou! Me deu até este regador de presente.
Uau! Eu também quero colaborar! Vou te dar estas luvas!
Eu vou te dar uma pá!
E eu vou te dar um avental!
Ouvi falar do seu jardim! Vim trazer um presente...
Flores de plástico?
Obrigada pelo incentivo, Shirley”! (ZIRALDO, 2007, p. 15).

A partir desse diálogo, é possível entender que o autor está evidenciando que Carolina é uma menina dotada de uma consciência cidadã, pois ela não apenas tem ideias próprias, mas sabe agir com respeito, aprendeu a usar o diálogo e está comprometida com a vida coletiva da comunidade em que está inserida. Atitudes como essas, as quais geram uma consciência cidadã, são defendidas pelo Ministério da Educação, como já foi visto no capítulo 2 deste trabalho:

aprender a ser cidadão e a ser cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 69).

A personagem Carolina tem uma forte preocupação com as questões ambientais e faz uso da argumentação e do diálogo para defender suas plantas e ideias, pois, ao dizer à mãe, “é preciso proteger as plantas, senão elas vão desaparecer” (ZIRALDO, 2007, p. 6), a personagem demonstra que tem atitudes cidadãs e, ao utilizar a argumentação e o diálogo para se manifestar, corrobora com o que postula Streck, quando afirma que “a utilização da manifestação da palavra, o dizer ao mundo, corresponde a ser sujeito, ser cidadão” (2008, p. 76).

O amor de Carolina pelas plantas e seu senso de proteção por elas dá à personagem força e coragem para enfrentar as adversidades surgem. Muitas são as passagens em que Carolina usa a inteligência e seu senso de humor para proteger as plantas, demonstrando, assim, a ética que norteia suas atitudes, pois, ao mesmo tempo em que protege as plantas, Carolina, também, sabe conviver com seus amigos e respeitá-los, contudo, não poupa esforços para proteger seu jardim. O diálogo com o amigo Maluquinho, quando ele e Bocão estavam brincando de soldadinhos no jardim e ela começa a regar as plantas, é uma evidência disso: “ô, Carolina! Você disse que a gente podia brincar no se jardim! E podem! Mas não posso esquecer a hora de regar, posso?” (ZIRALDO, 2007, p. 34). Atitudes como essa que Carolina teve vem ao encontro do que afirma Barros:

a ética é a inteligência compartilhada a serviço do aperfeiçoamento da convivência. É o resultado da intervenção da inteligência compartilhada com vistas a limitar a conduta de cada um visando proteger um bem maior, que é a convivência sadia e harmônica entre todos (BARROS, 2017, p. 19).

Nos episódios de “O jardim de Carolina”, a protagonista procura proteger seu jardim e conscientizar a todos da importância de preservar o meio ambiente. No final da narrativa, ela transforma o jardim em uma horta e ninguém percebe isso e ela age como se o jardim ainda estivesse ali, pois quer que as pessoas percebam por si mesmas as mudanças que foram feitas, como é possível perceber no seguinte diálogo entre moradores do condomínio e Carolina:

Ficou ótimo o seu jardim, Carol!
Obrigada!
Você tem mesmo mão boa para planta, né?
Que nada! Ri! Ri! Ri!
Me avise quando as flores começarem a brotar de novo!
Com certeza!
As pessoas são engraçadas! Faz uma semana que eu transformei o jardim numa horta e ainda ninguém percebeu! (ZIRALDO, 2007, p. 112).

A atitude dos moradores do condomínio, ao não perceberem a transformação do jardim em horta, evidencia uma problemática da sociedade atual, em que as pessoas, devido ao corre-corre do cotidiano e ao hábito de estarem envolvidas com questões pessoais e profissionais, são tomadas pelo superficialismo, pela falta de tempo, além de se envolverem substancialmente com a tecnologia, o que as furta para atitudes éticas e cidadãs e as faz deixar tudo para o outro. As atitudes demonstradas pelas personagens mostram que a sociedade precisa repensar suas atitudes, olhar melhor a sua volta e necessita agir com mais ética e cidadania, pois, como afirma Streck “sem uma transformação ética das pessoas e da sociedade nenhuma revolução é capaz de realizar fins verdadeiramente humanos” (2008, p. 179).

No final do livro, o autor diz que “o maior sonho de Carolina é melhorar o mundo” e “que a maior paixão dela é a natureza.” (Ziraldo, 2007, contracapa). Essa personagem desempenha um importante papel ao levar seus leitores a refletirem sobre suas atitudes e ao tentar levá-los a fazerem alguma coisa, mesmo que seja algo simples, mas que pode ter grande influência e impacto para que a sociedade - em que estão inseridos - e o mundo possam ser melhores. De acordo com Ziraldo,

o maior sonho da Carolina é melhorar o mundo. Ela tem seus pontos de vista, luta por eles e não há quem mude a cabeça dela. Não dá bola pra moda, porque tem seu próprio estilo. Fala baixinho, é sensível e muito romântica. Não pensa só em príncipes, não. Aliás, a maior paixão dela é a natureza! (ZIRALDO, 2007, contracapa).

Essa obra de Ziraldo evidencia o verdadeiro papel da literatura, o qual, além de incentivar a leitura, a escrita, desenvolver a imaginação, a criatividade e a fantasia, também tem a função de instruir, educar, formar o pensamento crítico, a consciência ética e cidadã. Como traz Antonio Candido:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (1989, p. 113).

As atitudes apresentadas pela personagem Carolina, nessa obra de Ziraldo, também corroboram o que Piaget (1972/1988) afirma a respeito da formação ética e moral das crianças, pois, segundo o pesquisador, a formação da consciência moral e intelectual da criança dá-se por meio de sua relação com o meio e com os indivíduos com os quais ela se relaciona. É por meio das atitudes dos indivíduos, da afetividade e do meio no qual estão inseridos que são construídos os elementos que formam a consciência ética e moral, que os leva a entender conceitos como a cidadania, como já foi abordado no segundo capítulo deste trabalho.

Com efeito, é essencial compreender que, se a criança traz consigo todos os elementos necessários à elaboração de uma consciência moral ou razão prática, como de uma consciência intelectual ou razão, simplesmente, nem uma nem outra são dadas prontas no ponto de partida da evolução mental e uma e outra se elaboram em estreita conexão com o meio social: as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende serão, portanto, propriamente falando, formadoras, e não se limitarão, como geralmente se acredita, a exercer influências mais ou menos profundas, mas de alguma maneira acidentais em relação à própria construção das realidades morais elementares (1972/1988, p. 95 apud FREITAS, 2002, p. 305).

O meio em que a criança está inserida é a família, a escola e a comunidade, por isso todas essas instituições são responsáveis pela sua formação ética, moral e cidadã. Este trabalho, porém, tem levantado a discussão de que hoje a escola é o principal local onde se pode aprender a construir conceitos de ética e cidadania e que a literatura é um dos meios a serem utilizados para se alcançar a esse objetivo. Em função disso, a seguir, após apresentar uma breve discussão das obras em questão, mostra-se como o

trabalho com as obras de Ziraldo *O Menino Marrom* e *Histórias da Carolina - a Menina sonhadora que quer mudar o mundo*, podem contribuir para despertar nos estudantes a reflexão e o pensamento crítico, de modo a construir uma consciência voltada para a ética e a cidadania.

4.4 A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA E DA CIDADANIA A PARTIR DE ROTEIROS DE LEITURA

A partir da análise das obras *O menino Marrom* e *Histórias da Carolina - a Menina Sonhadora que quer mudar o mundo*, entende-se que a literatura produzida por Ziraldo pode favorecer a formação de uma consciência ética e cidadã de estudantes do Ensino Fundamental, o que responde a um dos objetivos deste trabalho: *verificar em que medida as obras de Ziraldo podem contribuir para a formação de uma consciência ética e cidadã de estudantes do Ensino Fundamental*, em função disso, foram elaborados roteiros de leitura a partir dessas obras, que serão apresentados no capítulo 5, com atividades que possam contribuir para que se provoquem os estudantes para despertarem para a construção de um pensamento ético e de atitudes cidadãs.

Os roteiros de leitura, assim como propõem Saraiva e Mügge (2006), apresentam três importantes etapas da leitura: a leitura compreensiva, a leitura interpretativa e a transferência ou aplicação da leitura.

A primeira etapa, que é a leitura compreensiva, solicita que seja realizada sempre a leitura integral do texto. É a partir dela que surgem as pistas iniciais para a compreensão do texto. A segunda etapa é a da leitura interpretativa, ou seja, aquela que justifica ou não a compreensão prévia ao se confrontar o resultado da análise crítica dos componentes textuais com a significação inicialmente atribuída ao texto. De acordo com Silva (1987)

o trabalho interpretativo, portanto, revela-se como o desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de significação do documento projetadas pela compreensão. Em última análise, [...] a interpretação descobre aquilo que a compreensão projeta (1987, p. 71, apud SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 50).

A terceira etapa do processo hermenêutico de transferência da leitura, ou etapa de aplicação, possibilita ao leitor ampliar sua experiência literária, relacionando-a às manifestações do presente e do passado e integrando-a a

outros campos de expressão artística ou de conhecimento. Nessa etapa, a leitura transcende, conforme Saraiva e Mügge,

mais uma vez, o espaço do texto para integrar os horizontes de recepção e de produção e para fundamentar a interpretação com dados do contexto estético-histórico-cultural que incluem a biografia do autor, o estilo da época, as posições da crítica, bem como a elucidação do texto enquanto cronótopo para o qual convergem valores e ideologias, conquistas das ciências e das artes (2006, p. 50).

Sendo assim, os roteiros de leitura elaborados para este trabalho contemplam essas três etapas, assim como procuram abranger diversos assuntos apresentados nas duas obras de Ziraldo - que aqui foram trabalhadas - a partir de atividades que envolvam leitura, diálogo, reflexão, pesquisa, interação com pessoas da família e da comunidade. Os roteiros procuram favorecer também a interdisciplinaridade, a possibilidade de se trabalhar com diversos gêneros textuais, tendo, ainda, a intenção de abranger as áreas cognitiva, visual e sinestésica dos estudantes, além de pretender desenvolver a criatividade dos alunos a partir de atividades como: produções de cartazes, maquetes, panfletos, histórias em quadrinhos, produção textual, utilização de materiais recicláveis entre outros.

Devido a isso, os roteiros de leitura são longos, abrindo possibilidades para o professor eleger as atividades que melhor se adequam à realidade de sua comunidade escolar e ao seu grupo de alunos, não sendo obrigatório ao educador realizar todas as atividades dos roteiros ou mesmo seguir a rigor a forma como estão apresentados, podendo, inclusive, aprimorar essas propostas, pois o que importa é instigar o diálogo, a reflexão, o pensamento crítico e a criatividade dos alunos, de modo que se possa contribuir para a construção de uma consciência ética e cidadã.

As atividades dos roteiros de leitura que são apresentadas a seguir foram construídas com o propósito de que os estudantes possam pensar, interagir e ter as próprias ideias, para que consigam compreender que podem fazer algo para melhorar o mundo, a partir de atitudes e ações que visem ao bem do outro, tal como as personagens Menino Marrom e Carolina.

Dessa forma, no roteiro de leitura sobre a obra *O Menino Marrom*, a atividade introdutória, de recepção ao texto, é assistir a um vídeo infantil atual¹⁸, que trata sobre a importância de respeitar as diferenças e de valorizar o outro como ele é, cujo conteúdo os alunos devem relacionar com a história do livro. A partir do vídeo, propõe-se realizar um diálogo e uma breve reflexão sobre o refrão: “Você não é igual a mim. Eu não sou igual a você. Mas nada disso importa, pois a gente se gosta e sempre assim que deve ser.”, para despertar os alunos para a leitura. Pretende-se que a leitura seja feita na biblioteca da escola, com os alunos sentados em círculo, em três momentos diferentes, já que o texto é longo. O diálogo, a reflexão e a intermediação do professor precisam fazer parte do momento da leitura, a fim de que os alunos compreendam a temática da obra e reflitam a respeito da valorização das pessoas, do não ao preconceito, da igualdade, independentemente da cor, raça ou posição social.

As atividades de recepção ao texto propostas estão fundamentadas no que postula o Ministério da Educação, que preconiza que é importante

levar ao cotidiano das escolas reflexões sobre a ética, os valores e seus fundamentos. Trata-se de gerar ações, reflexões e discussões sobre seus significados e sua importância para o desenvolvimento dos seres humanos e suas relações com o mundo (2007, p. 5;15).

As atividades de leitura compreensiva e interpretativa foram elaboradas de forma a levar os estudantes a refletirem sobre a forma como o autor descreveu os dois meninos, com diferenças entre eles, mas descritos com a utilização de analogias a elementos da natureza, como pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 – Leitura compreensiva e interpretativa

- | |
|--|
| <p>1) c) O narrador descreve o menino marrom com uma grande riqueza de detalhes, fala de seus dentes, de seu sorriso, de seus cabelos, de seu nariz, de seus olhos, de sua bochecha. Em sua opinião, por que o narrador faz uma descrição tão detalhada do menino marrom?</p> <p>_____</p> |
| <p>2) Ao se referir ao menino Cor-de-rosa, o qual é amigo do menino Marrom, o narrador utiliza a mesma expressão que usou para falar sobre o menino Marrom.</p> <p>a) Que expressão é essa? _____</p> |

¹⁸ GRANDES PEQUENINOS. **Normal é ser diferente**. Mountain View: Google, 2015. (3 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg>. Acesso em: 28 Jan. 2018.

b) Por que o narrador usa a mesma expressão para se referir aos meninos, já que eles eram diferentes? _____

5) O narrador diz que os meninos fizeram outra descoberta: “o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas. Mesmo porque elas não existem. O que existe – que boa descoberta! – é gente marrom, marrom-escura, marrom-clara, avermelhada, cor de cobre, cor de mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café com leite, bronze, rosada, cor-de-rosa, e todos esses nomes aproximados e compostos de cores e variações”.

Após ler a citação e observar a ilustração acima, responda: Você concorda com a descoberta dos meninos? Por quê? _____

Fonte: elaborado pela autora

Essas atividades pretendem que os alunos percebam que os personagens foram valorizados pelo autor, independentemente de sua cor, bem como que os estudantes reflitam sobre as descobertas que os personagens fizeram em relação às diferenças étnico-raciais, pois, de acordo com Libâneo, é necessário que exista a valorização das diferenças raciais e a reflexão sobre a importância de cada um para a diversidade cultural, de modo que a escola precisa

ajudar os alunos a constituírem sujeitos na sua individualidade e na sua identidade cultural; falo no fortalecimento da subjetividade. Aqui entra a sensibilidade, a capacidade estética. Incluo aqui um forte apelo para o reconhecimento das diferenças, mas penso também em formas educativas de não esconder o conflito (LIBÂNEO, 2003, apud COSTA, 2003, p. 26).

Com relação à transposição da leitura, as atividades para essa etapa da leitura foram elaboradas para provocar o pensamento crítico, para levar o aluno a desenvolver sua criatividade, para chegar a um entendimento de que todas as raças e culturas devem ser valorizadas, evitando, assim, o preconceito e, formando uma consciência fundamentada em valores éticos e em atitudes cidadãs, pois, como salienta a UNESCO (2015, p. 11), a “educação deve assumir totalmente seu papel essencial em ajudar pessoas a construir sociedades mais justas, pacíficas e tolerantes”. Do mesmo modo, o Ministério da Educação do Brasil afirma que a escola necessita

promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania

torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social (2007, p.11).

São exemplos de atividades que pretendem promover a construção da ética e da cidadania os exercícios da Figura 2:

Figura 2 – Atividades para construção de ética e cidadania

- 8) Leia o trecho a seguir: “Um dia aquela história do preto e do branco voltou-lhe à cabeça. [...] Quem foi que inventou que o preto é contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro?” Infelizmente muita gente faz diferença entre pessoas brancas e negras e isso gera algo muito sério e forte, chamado preconceito.
- a) Você sabe o que é preconceito? _____
 - b) Como o preconceito prejudica as relações sociais? _____
 - c) Pesquise sobre isso e compartilhe o resultado de sua pesquisa com os colegas e com o professor.
- 9) Na passagem: “[...] Foi numa tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris. E aí, sabe o que deu? A mistura das cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro. O menino marrom olhou para aquela cor que ele tinha inventado e falou: ‘Olha aí, é a minha cor!’ Os olhinhos do menino cor-de-rosa brilharam como eles brilharam diante de suas descobertas. E ele disse: ‘Sua cor é a soma de todas as cores!’” O menino Cor-de-Rosa estava valorizando o amigo e evitando o preconceito. E você, o que pode fazer para evitar e combater o preconceito que existe a nossa volta?
- 10) O livro “O menino marrom” mostra que devemos valorizar as pessoas pelo que elas são e que a amizade, a imaginação e a alegria devem sempre prevalecer. Uma importante personalidade negra falou certa vez em sonhos esse homem foi Martin Luther King, que foi um importante líder político, lutava pelos direitos dos negros nos Estados Unidos. Ele disse: “Eu tenho um sonho...”
- a) E você, tem sonhos de ver um mundo mais justo, sem preconceitos, com mais amor e união?
 - b) Escreva e ilustre em um cartaz, com recorte, colagem ou desenho, qual é o seu sonho e apresente para os colegas.

Fonte: elaborado pela autora

Devido à presença de muitos elementos intertextuais e da diversidade de assuntos que podem ser explorados, a obra *O Menino Marrom* permite a realização de um amplo trabalho interdisciplinar, pois a escola deve contribuir

para a construção da ética e da cidadania das mais diversas maneiras, incluindo em seu currículo excursões, visitas e a interação com sujeitos sociais, para proporcionar diferentes vivências, pois, como propõe o Parecer nº 11/2010, do Conselho Nacional de Educação,

o currículo não se esgota, contudo, nos componentes curriculares e nas áreas de conhecimento. Valores, atitudes, sensibilidades e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, visitas e excursões, pela distribuição do tempo e organização do espaço, pelos materiais utilizados na aprendizagem, pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola (CNE/CEB, p. 15).

Sendo assim, foram elaboradas atividades que contemplam a interdisciplinaridade, incluindo, também, a possibilidade da realização de passeatas, excursões, exposições, entre outras, como está disposto, por exemplo, na Figura 3:

Figura 3 – Atividades que contemplam a interdisciplinaridade

- | | |
|---------------------------------|--|
| <p>9)</p> <p>11)</p> <p>13)</p> | <p>a) Escreva frases ou produza panfletos ou cartazes para conscientizar as pessoas para dizer “Não ao preconceito.”</p> <p>b) Que tal organizarmos uma passeata pelas ruas do bairro da escola para conscientizar as pessoas sobre o preconceito racial?</p> <p>Assim como Martin Luther King foi uma personalidade negra muito importante para a história do mundo, outras personalidades negras contribuíram para que o mundo fosse melhor. Em dupla, faça o seguinte:</p> <p>a) Pesquise sobre uma personalidade negra;</p> <p>b) Escreva uma pequena biografia sobre essa pessoa contando quem ela é ou foi e o que fez para tornar o mundo mais justo e humano;</p> <p>c) Construa um portarretrato com material de sucata para colocar a foto;</p> <p>d) Organize uma exposição com as fotos das personalidades pesquisadas por sua turma.</p> <p>O livro fala muito a respeito das cores, das misturas e das descobertas que os meninos faziam. As tintas podem ser feitas da mistura de raízes, plantas ou de uma maneira mais moderna como em uma fábrica. Em nossa cidade existe uma fábrica de tintas. Vamos fazer uma visita e descobrir juntos como as tintas são feitas lá?</p> |
|---------------------------------|--|

Fonte: elaborado pela autora

Estas atividades, ao serem aplicadas e trabalhadas com estudantes de 4º a 6º ano do Ensino Fundamental, acredita-se que possam auxiliar as crianças a internalizarem valores como o respeito, a aceitação ao outro da maneira como ele é e a valorização das diferenças e a desconstruírem possíveis pensamentos preconceituosos, os quais, muitas vezes, são reforçados pela família e pelo meio social em que o aluno está inserido. Ao internalizar valores positivos, aceitando e valorizando as diferenças, interagindo de forma positiva com o outro e entendendo que o preconceito étnico-racial pode ser combatido e que, para isso, cada um precisa fazer a sua parte, o aluno estará construindo sua consciência ética e cidadã.

Para a obra *Histórias da Carolina – a Menina Sonhadora que quer mudar o mundo*, a atividade introdutória, de recepção ao texto, tem como objetivo que os alunos saiam da sala de aula e observem o entorno no qual estão inseridos, podendo ser o pátio da escola ou, se possível, uma praça ou parque, pois é preciso instigar o gosto pela leitura e estimular a reflexão e o pensamento crítico, por meio da observação dos elementos do âmbito em que as crianças estão inseridas. Isso vem ao encontro do que propõe Silva, quando afirma que:

a leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo (2003, p. 16).

As atividades de introdução e recepção ao texto que procuram estimular a reflexão e o pensamento crítico se verificam na Figura 4:

Figura 4 – Atividades de introdução e recepção ao texto

Como atividade introdutória da leitura do livro “Histórias da Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo”, de Ziraldo, propõe-se que o professor conduza a turma até um jardim, um local na escola onde se tenha uma árvore ou planta ou, ainda, se for possível, que a turma possa ser levada a uma praça ou parque próximos à escola, se houver. Caso não seja possível levar a turma até um desses locais, o professor poderá levar para a sala de aula algumas plantas e montar uma espécie de minijardim.

- 1) Estando no espaço com plantas, o professor dialogará com os alunos com questões do tipo:
 - a) Qual a sensação de estarmos em um local cheio de plantas?
 - b) Qual a utilidade das plantas para o ser humano e os animais?
 - c) Você já plantou alguma planta?

- d) Você possui plantas em sua casa?
- e) Você gostaria de plantar e cultivar alguma planta? Por quê?
- f) Você conhece alguém que planta, cuida e protege as plantas?
- g) Você acredita que isso seja importante? Por quê?

2) Após o diálogo com os alunos, o professor poderá dizer que irá apresentar à turma alguém que gosta muito de plantas e que faz de tudo para cuidá-las e protegê-las.

3) O professor poderá falar um pouco sobre a personagem Carolina para instigar, ainda, mais a curiosidade dos alunos.

4) Após essa introdução, o professor apresentará o livro aos alunos e fará, juntamente, com eles, a leitura da história “Carolina e as plantas” e o primeiro episódio das histórias de “O jardim de Carolina”.

Fonte: elaborado pela autora

Nas atividades de compreensão do texto, as quais são denominadas de “leitura compreensiva e interpretativa”, as questões procuram fazer o aluno pensar, argumentar e opinar, contribuindo para que seja instigado à reflexão e ao pensamento crítico, como é o que se espera do trabalho com literatura em sala, conforme aponta Abramovich:

ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar.... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... (1999, p.143).

Essas atividades, também, buscam desenvolver, no estudante a autonomia, a que se refere Piaget, sendo esse um estágio em que a criança chega, no qual é capaz de ter construído um conjunto de princípios e de justiça. Como está descrito na página 34 deste trabalho, a autonomia “apresenta-se de maneira espontânea, voltada para sentimentos de bem. Baseia-se no princípio da igualdade, no respeito mútuo e nas relações de cooperação. Surge, também, como uma forma de equilíbrio nas relações sociais. Sua prática é correta por ser o resultado de uma decisão livre e racional.”

São exemplos desse tipo de proposta as questões contidas na Figura 5:

Figura 5 – Atividades de leitura compreensiva e interpretativa

- 2) Por que, na história de “Carolina e as plantas”, a personagem falou: “É preciso proteger as plantas senão elas vão desaparecer?”
- 3) Carolina é amante e protetora das plantas e faz o possível para protegê-las. Você julga importante proteger e cuidar das plantas? Por quê?
- 4) Por que Carolina resolveu fazer um jardim no condomínio em que mora?
- 5) Para cultivar um jardim no condomínio, várias pessoas presentearam Carol com objetos que seriam úteis para o cultivo das flores, porém, não ofereceram ajuda para plantarem ou cultivarem as plantas. Em sua opinião, por que a maioria das pessoas reage como os personagens da história?

Fonte: elaborado pela autora

As atividades de linguagem, intituladas “Aprendendo a partir do texto”, também buscam incentivar o aluno a pensar e opinar, pois não basta realizar atividades gramaticais soltas, sem que a criança reflita sobre a linguagem e compreenda a razão pela qual faz determinada atividade gramatical. Isso tem relação com o que defende La Taille, quando ele questiona se

Cabe à instituição escola tomar parte na formação existencial de seus alunos? Ou cabe a ela apenas a transmissão dos conhecimentos necessários ao ingresso no mundo do trabalho? Opto pela primeira alternativa. Em primeiro lugar porque me parece inconcebível que instituições nas quais as crianças e os jovens passam anos e anos possam não se preocupar com dimensões de vida que vão além da aprendizagem de determinadas disciplinas. E, em segundo lugar, porque os próprios conhecimentos transmitidos na escola são portadores de sentido que transcendem a especificidade de cada matéria (2009, p. 80).

São exemplos desse tipo de atividade, os exercícios que constam na Figura 6:

Figura 6 – Atividades de Linguagem

- 2) No título, o autor atribui uma característica à Carolina, pois a chama de sonhadora. As características também são chamadas de adjetivos. Que características (adjetivos) você atribuiria às seguintes personagens de Ziraldo e por quê?
- a) Menino Maluquinho: _____
- b) Julieta: _____
- c) Shirley: _____
- d) Carolina _____

3) Ainda com relação ao título do livro “Histórias da Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo”. A palavra “quer” é um verbo, ou seja, uma ação.

a) Em qual tempo essa ação está sendo realizada?

() presente () passado () futuro

b) Em sua opinião, por que o autor escreveu “quer” e não “queria” ou “quis”? O que o autor está sugerindo?

6) Assim como o autor escreveu “i-me-di-a-ta-men-te” de maneira separada, imagine que você está escrevendo e a linha do seu caderno acaba. Como você separaria as palavras que seguem para continuar escrevendo? Escreva três possibilidades para cada palavra.

Admiro _____

Consciência _____

Ecológica _____

Carrinho _____

Incêndios _____

Coitadinhas _____

Região _____

Cuidado _____

Fonte: elaborado pela autora

As atividades denominadas de “Aplicação e Transferência da Leitura” procuram desenvolver a autonomia, a criatividade, a curiosidade, o pensamento crítico, bem como levar o aluno a realizar ações práticas, que sejam possíveis e que venham a contribuir para a formação da consciência ética e cidadã. Esse tipo de proposta está em consonância com o que pede o Ministério da Educação, no documento “Programa Ética e Cidadania, construindo valores na escola e na sociedade”, conforme o qual,

para que o(a)s estudantes possam assumir os princípios éticos, são necessários pelo menos dois fatores: - que os princípios se expressem em situações reais, nas quais o(a)s estudantes possam ter experiências e conviver com a sua prática; - que haja um desenvolvimento da sua capacidade de autonomia moral, isto é, da capacidade de analisar e eleger valores para si, consciente e livremente. Outro aspecto importante desse processo é o papel ativo dos sujeitos da aprendizagem, estudantes e docentes, que interpretam e conferem sentido aos conteúdos com que convivem na escola, a partir de seus valores previamente construídos e de seus sentimentos e emoções (MEC, 2007, p. 4).

A Figura 7 traz exemplos desse tipo de atividade:

Figura 7 – Atividades de Aplicação e Transferência da Leitura

3) Assim como vimos nas histórias de Carolina e na música “Que tal?”, nós também podemos realizar algumas ações que venham a contribuir para melhorar alguns locais próximos a nós. Então, que tal juntos realizarmos algumas ações como?

- Cultivar plantinhas em espaços de sua casa utilizando materiais recicláveis.
- Criar um jardim com garrafas pets e palets em sua escola.
- Limpar e plantar flores em uma praça do bairro onde você mora.
- Dar um abraço na praça como símbolo de cuidado, carinho e proteção por

esse espaço.

- Solicitar junto ao horto florestal da cidade mudas de árvores nativas para plantar em ruas e espaços da comunidade.

4) A partir livro lido, do vídeo que assistimos e de ações como as que realizamos, o que mais podemos fazer para conscientizar as pessoas sobre a importância de cuidar da natureza, preservar os animais, separar lixo e outras pequenas, mas importantes ações, que podem ser realizadas para que tenhamos uma vida melhor? Sob a orientação do professor, forme grupos de quatro colegas e, que tal fazermos ações do tipo:

- Escrever cartinhas e deixar nas caixinhas de correspondências de vizinhos falando sobre a importância de cuidar da natureza,
- Criar faixas, cartazes, panfletos para distribuir na comunidade.

5) Sob a orientação do professor e com a ajuda do responsável pelo laboratório de informática da escola, escrever e-mails ou mensagens - para serem postadas nas redes sociais – falando sobre a importância do cuidado com a natureza, a preservação de animais, a separação do lixo e tantas outras pequenas coisas que se podem fazer para que se tenha um mundo e um futuro melhor.

12) Sabemos que é muito importante plantar árvores, porém, alguns cuidados são muito importantes para que as árvores cresçam saudáveis e não causem problemas com suas raízes e galhos. Com a ajuda do professor, organize as seguintes ações com sua turma:

- a) escreva uma carta convidando um biólogo da cidade e um ofício ao Corpo de Bombeiros, convidando-os para realizarem uma palestra na comunidade, sobre quais árvores deveriam ser plantadas e cultivadas na sua comunidade e sobre como cultivá-las e mantê-las.
- b) Faça convites sobre essa palestra e espalhe para toda a escola, para amigos e vizinhos. Se possível, coloque esses convites em redes sociais ou em jornais do bairro.
- c) Escreva uma carta ao horto florestal da cidade solicitando mudas de árvores para serem entregues no dia da palestra para as pessoas participantes.

Fonte: elaborado pela autora

As atividades de transposição da leitura também possibilitam um trabalho interdisciplinar, pois a leitura literária vai além do texto lido, ela se transpõe para a prática, relaciona-se com as mais diversas áreas do conhecimento e, como diz Abramovich, a literatura permite ao leitor “ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer” (1999, p. 14-17). Sendo assim, são exemplos de atividades que abrangem a interdisciplinaridade os exercícios contidos na Figura 8:

Figura 8 – Atividades de transposição de leitura

- 6) A partir do que você conhece sobre a cidade onde mora ou depois de fazer uma pesquisa, responda:
- a) A cidade é considerada arborizada? _____
 - b) Quais bairros são mais arborizados? _____
 - c) Quais precisam ser mais arborizados? _____
 - d) Existe alguma área de proteção ambiental? _____
 - e) Onde fica localizada? _____
 - f) Como se chama? _____
 - g) Na sua cidade existe Jardim Botânico? _____
- Quais praças ou parques são considerados importantes para a cidade? Por quê?
- 7) A partir da pesquisa que você fez, pinte de verde no mapa da cidade as praças e parques importantes, de marrom os bairros mais arborizados e de amarelo os bairros menos arborizados.
- 8) Agora, pesquise fotos e a história dos nomes dos parques, praças importantes da cidade, reservas florestais e Jardim Botânico, se houver.
- 9) Após a pesquisa dos nomes e do reconhecimento dos locais por fotos e nos mapas, juntamente com outros dois amigos e sob a orientação do professor, confeccione uma maquete, com materiais recicláveis em que seja representado:
- a) um bairro arborizado que possua parques e/ou praças.
 - b) um bairro que precise ser mais arborizado e que talvez existam indústrias e fábricas.
 - c) após a confecção das maquetes, apresente-as para a turma e façam as comparações sobre a importância de haver locais arborizados na cidade.
- 13) Agora que você já conhece a respeito de muitas espécies de plantas, pesquise sobre: o que é fotossíntese e qual sua importância para o ser humano e para os animais?

15) Você percebeu que em cada episódio das histórias do “Jardim de Carolina” o autor-artista ilustrou as fases da lua? Sendo assim, que tal?

- a) pesquisar sobre cada fase da lua?
- b) realizar uma pesquisa com pessoas mais idosas sobre a relação entre as fases da lua e o plantio de flores, frutas e verduras?
- c) faça uma visita com sua turma até um lar de idosos para realizar essa pesquisa e leve mudinhas de flores, chás ou hortaliças para presentear-los, a fim de tornar o dia a dia deles mais alegre?

18) A horta também é importante e útil, pois as verduras e os legumes são fundamentais para a nossa saúde. Que tal fazermos como a Carolina e encontrarmos uma maneira de, também, fazermos uma horta em nossa escola?

Fonte: elaborado pela autora

As atividades dos roteiros de leitura poderão ser ampliadas e até remodeladas, pois o importante é que se desperte nos alunos o gosto pela leitura literária, a reflexão, o diálogo, o pensamento crítico e a capacidade de iniciativa para a realização de ações que contribuam para o bem comum. Porque, o que se pretende é que os estudantes possam ser pessoas ativas, que tenham autonomia e que ajam com ética e cidadania.

Ao serem aplicadas e realizadas as atividades propostas neste roteiro, acredita-se que os estudantes terão, na prática, lições de ética e cidadania, pois, ao realizarem ações como cuidar, limpar, plantar flores e árvores em uma praça, dar um grande abraço na praça, simbolizando cuidado, respeito e amor pela natureza, ou, ainda, ao presentear pessoas idosas com mudas de chás ou de flores, entre outras ações propostas pelo roteiro, as crianças estarão vivenciando, de maneira prática e real, a ética e a cidadania, internalizando esses valores em sua mente e em seu coração, de forma que isso fique presente em sua memória para sempre. O aprendizado do cuidado com o meio ambiente e a realização de ações que contribuam para a preservação ambiental, por exemplo, acompanharão as crianças por toda a vida, de forma que construirão esses valores com as futuras gerações e esse é o verdadeiro conceito de cidadania que se quer alcançar.

5 ROTEIROS DE LEITURA

Neste capítulo, são apresentados os roteiros de leitura elaborados para as obras *O Menino Marrom* e *Histórias da Carolina – A Menina Sonhadora que quer mudar o mundo*, de Ziraldo.

Os roteiros a seguir foram elaborados de maneira a estimular o diálogo, a reflexão, o desenvolvimento da criatividade dos alunos e a realização de várias ações para a construção de uma consciência ética e cidadã nos estudantes.

Pretende-se que os educandos possam dialogar, trocar ideias, interagir com os colegas, a família e a comunidade, estar em contato com diversos gêneros textuais e que sejam capazes de deixar fluir a criatividade ao realizarem atividades que visem o bem comum.

Permite-se, ainda, que o educador possa flexibilizar as atividades propostas nestes roteiros de modo a estar em consonância com a realidade de sua escola e seu grupo de alunos, por isso, os roteiros são longos, contudo, abertos, explorando, também, a possibilidade da realização de atividades interdisciplinares, oportunizando ao professor a interação e integração com várias disciplinas do currículo escolar, a fim de que o aluno construa de forma prática e significativa uma consciência voltada para a ética e a cidadania.

5.1 ROTEIRO DE LEITURA SOBRE A OBRA *O MENINO MARROM*, DE ZIRALDO

a) Disciplinas a serem contempladas:

- Língua Portuguesa;
- Ciências;
- Artes;
- Geografia;
- História.

b) Conteúdos que podem ser trabalhados:

- **Língua portuguesa:** Leitura, interpretação, produção textual, história em quadrinhos, descrição, biografia, antônimos, sinônimos, verbos, sinais de pontuação, graus do substantivo.
- **Ciências:** Disco de Newton, formação das cores.
- **Geografia:** Localização e distância entre países que colonizaram o Brasil, mapas.
- **História:** Imigração e formação do povo brasileiro, personalidades negras.
- **Arte:** Confecção de maquetes, telas, cartazes, cores.
- **Temas transversais:** Ética, cidadania, amizade, preconceito.
- **Tempo previsto de aplicação do roteiro:** Quatro semanas.

5.1.1 Atividade introdutória de recepção ao texto

1) O professor levará para a sala de aula o vídeo com a música “Normal é ser diferente¹⁹”. Após os alunos terem assistido ao vídeo, o professor iniciará um diálogo a partir do refrão da música: **“Você não é igual a mim. Eu não sou igual a você. Mas nada disso importa, pois a gente se gosta e sempre assim que deve ser.”**, com questionamentos do tipo:

- a) Qual a mensagem do vídeo a que assistimos?
- b) De que maneira podemos valorizar nossas diferenças?
- c) Como podemos fortalecer nossos laços de amizade e de companheirismo?

2) Durante o diálogo, o professor poderá solicitar que cada aluno escreva na lousa uma palavra que registre sua opinião com relação ao vídeo e aos questionamentos feitos.

¹⁹ GRANDES PEQUENINOS. **Normal é ser diferente**. Mountain View: Google, 2015. (3 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg>_Acesso em: 28 jan. 2018.

3) Após essa atividade, o professor conduzirá os alunos para a biblioteca da escola, pedindo que se sentem em círculo e irá apresentar o livro “O Menino Marrom”, de Ziraldo, aos alunos, falando um pouco sobre os personagens para despertar o seu interesse pela história.

4) Como o livro é, de certo modo, extenso, o professor irá propor que a leitura seja feita em três momentos, em três dias seguidos. A cada dia, será lida uma parte do texto, sempre com a retomada das partes já lidas. O professor levará os alunos à biblioteca, fará um círculo com eles, fará a leitura e dialogará com os alunos sobre a história lida, relacionando-a com a música “Você não é igual a mim”.

5.1.2 Leitura compreensiva e interpretativa

1) O narrador inicia a história falando a respeito de um Menino Marrom e o descreve fisicamente.

a) O que o narrador diz sobre o Menino Marrom?

b) Com quais elementos o narrador compara o Menino Marrom ao descrevê-lo fisicamente? _____

c) O narrador descreve o Menino Marrom com uma grande riqueza de detalhes, pois fala de seus dentes, de seu sorriso, de seus cabelos, de seu nariz, de seus olhos, de sua bochecha. Em sua opinião, por que o narrador faz uma descrição tão detalhada do Menino Marrom? _____

2) Ao se referir ao Menino Cor-de-rosa, que é amigo do Menino Marrom, o narrador também utiliza a mesma expressão que usou para falar sobre o Menino Marrom.

a) Que expressão é essa? _____

b) Por que o narrador usa a mesma expressão para se referir aos meninos, se eles são diferentes? _____

3) Por que o narrador utiliza as cores *marrom* e *cor-de-rosa* para identificar os meninos ao invés de utilizar nomes? _____

4) A professora levou o Menino Marrom, o Menino Cor-de-rosa e a turma para o laboratório de ciências e mostrou um Disco de Newton. Ela girou o disco e explicou que o branco é a mistura de todas as cores em movimento.

a) Qual foi a reação dos meninos após essa demonstração da professora?

b) Por que você acha que eles ficaram assim? _____

5) O narrador diz que os meninos fizeram outra descoberta: *“o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas. Mesmo porque elas não existem. O que existe – que boa descoberta! – é gente marrom, marrom-escura, marrom-clara, avermelhada, cor de cobre, cor de mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café com leite, bronze, rosada, cor-de-rosa, e todos esses nomes aproximados e compostos de cores e variações”*.



a) Observe a ilustração acima²⁰ e responda:

b) Você concorda com a descoberta dos meninos? Por quê?

6) A amizade dos meninos permaneceu por toda a vida deles. Em sua opinião, por que eles ficaram sempre amigos? _____

²⁰Imagem: reprodução. disponível em:
<<http://www.joaodefretas.com.br/fotos/racashumanas2.jpg>>. Acesso em: 30 Jan. 2017.

5.1.3 Aprendendo a partir do texto

1) O narrador descreve o Menino Marrom e o Menino Cor-de-Rosa com muitas características, ou melhor, com adjetivos. No quadro a seguir, escreva cinco adjetivos usados pelo autor para descrever:

O Menino Marrom	O Menino Cor-de-Rosa

2) O narrador utiliza muitas palavras no diminutivo para se referir aos meninos. Reescreva a passagem a seguir, trocando as palavras destacadas que se encontram no diminutivo por palavras no aumentativo.

“No mais, ele era **magrinho**, de joelhos redondos e **perninhas** finas... o peito era **quadrado**, e os ombros, também: um **corpinho** muito **bonitinho** de atleta futuro”.

3) O livro apresenta muitas expressões que são antônimas, quer dizer, contrárias. Ligue as palavras ao seu **antônimo**.

Calado	Curto
Novo	Triste
Comprido	Igual
Diferente	Tranquilo
Pequeno	Falante
Preocupado	Velho
Alegre	Grande

4) No trecho a seguir, substitua as palavras destacadas por seu **antônimo**.

“A **briga** mais **famosa** dos dois - que os deixou **separados** e de **mal** por um tempo **enorme** - foi a histórica **briga** do ‘sou **mais** eu’”.

5) O narrador da história também usa sinônimos, ou seja, palavras que têm significado parecido, por isso, no quadro a seguir, escreva pelo menos dois sinônimos para cada palavra.

inventar		
dividir		
girar		
conversar		
colorir		
matutar		

5.1.4 Transferência e aplicação da leitura

1) O cantor e compositor Milton Nascimento, que é citado no livro, canta uma música que se chama “Canção da América²¹” (Amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves dentro do peito...).

- a) Ouça a música e escolha um amigo de que você gosta muito e faça uma história em cinco quadrinhos, contando um fato engraçado ou uma descoberta que vocês tenham feito juntos.

--	--	--	--	--

2) Leia a frase de Tom Jobim: “É impossível ser feliz sozinho” e, a partir das discussões que você e seus colegas fizeram sobre o livro “O menino marrom” e a música de Milton Nascimento, juntamente, com um colega:

- a) Crie frases falando sobre a amizade e sobre a importância de sermos diferentes e nos respeitarmos.

²¹ NASCIMENTO, Milton. **Canção da América (1980)**. Mountain View: Google, 2010. (3 min 48 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlcQE4NeXow>>. Acesso em: 28 Jan. 2018

- b) Após, criarem as frases, com a ajuda do professor e do responsável pelo laboratório de informática da escola, poste as frases em redes sociais para que as pessoas as leiam e percebam o quanto é importante valorizar o outro.

- 3) Para a próxima aula, traga fios de lã da cor de seu cabelo para criar seu autorretrato.

O professor precisará providenciar beterraba, amora ou até mesmo suco de uva para que os lábios dos alunos fiquem coloridos e marquem a folha do desenho. A partir do desenho dos lábios, o aluno irá desenhar seu rosto e finalizará o desenho colocando lã para fazer seus cabelos. Caso não seja possível levar o beterraba, a amora ou o suco de uva, o professor poderá providenciar um espelho para que cada aluno se olhe e faça o autorretrato.

- 4) O narrador apresenta muitas características do Menino Marrom e do Menino Cor-de-rosa. Escolha um amigo e faça uma descrição dele, escrevendo como ele é em sua aparência, na maneira de ser e o que vocês gostam de fazer juntos.

- 5) O livro *O Menino Marrom* traz uma imagem com o rosto de várias crianças. Essa imagem faz uma releitura de uma tela, chamada “Operários”, feita em 1933, pela pintora brasileira Tarsila do Amaral²².



²² Tarsila do Amaral: Operários. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_cjU5jV0FKMA/TDDN6c2FEFI/AAAAAAAAAj8/tlp4QwnF4qA/s400/operarios.jpg Acesso em: 30 Jan 2018.

Observe a imagem da tela de Tarsila do Amaral e a imagem do quadro que está no livro.

- a) Crie junto com sua turma e sob a orientação do professor, um quadro semelhante ao de Tarsila do Amaral, utilizando uma foto 3x4 de cada aluno da turma, para ser exposto no mural ou corredores da escola.

Para essa atividade, o professor pedirá, com antecedência, que cada aluno traga uma foto 3x4 e providenciará uma tela para pintura em branco ou uma folha de cartolina para recriar a imagem da turma, de forma semelhante à obra de Tarsila e da imagem que aparece no livro.

6) O quadro de Tarsila do Amaral e a ilustração do livro representam a miscigenação do povo brasileiro, o qual foi formado a partir de várias raças e culturas oriundas de diversas partes do mundo.

- a) Você é descendente de alguma família de imigrantes que veio no passado para o Brasil?
- b) Converse com seus pais e avós para saber a história de sua família.
- c) Escreva sobre o que você descobriu e leia sua pesquisa para sua turma.

7) Após ouvir a respeito da pesquisa feita por seus colegas, que tal organizar uma exposição sobre as diferentes culturas das quais você e seus colegas são descendentes? Convide as outras turmas da escola para apreciar a exposição.

A exposição pode ser um momento muito rico e produtivo, pois o professor pode incentivar os alunos a levarem objetos antigos, fotos, comidas típicas, vestimentas, bandeiras dos países, mapas para mostrar a localização dos países e a distância entre o Brasil, entre outras coisas. A exposição poderá ser aberta para que toda a comunidade participe, podendo contar com a presença de pessoas mais idosas como atração da exposição.

8) Leia o trecho a seguir: *“Um dia aquela história do preto e do branco voltou-lhe à cabeça. [...] Quem foi que inventou que o preto é contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o*

outro?” Infelizmente muita gente faz diferença entre pessoas brancas e negras e isso gera algo muito sério e forte, chamado preconceito.

- a) Você sabe o que é preconceito? _____
- b) Como o preconceito prejudica as relações sociais?

- c) Pesquise sobre isso e compartilhe o resultado de sua pesquisa com os colegas e com o professor.

Para essa atividade o professor poderá incentivar os alunos a pesquisarem no dicionário ou poderá leva-los ao laboratório de informática ou, ainda, levar para a sala jornais ou revistas com reportagens e matérias que abordem o assunto sobre o preconceito. O professor poderá, também, dividir os alunos em duplas, trios ou grupos para lerem, pesquisarem e discutirem sobre esse assunto.

9) Na passagem: “[...] Foi numa tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris. E aí, sabe o que deu? A mistura das cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro. O menino marrom olhou para aquela cor que ele tinha inventado e falou: ‘Olha aí, é a minha cor!’ Os olhinhos do menino cor-de-rosa brilharam como eles brilharam diante de suas descobertas. E ele disse: ‘Sua cor é a soma de todas as cores!’” O Menino Cor-de-rosa estava valorizando o amigo e evitando o preconceito. E você, o que pode fazer para evitar e combater o preconceito que existe a nossa volta?

- a) Escreva frases ou produza panfletos ou cartazes para conscientizar as pessoas para dizer “Não ao preconceito.”
- b) Que tal organizarmos uma passeata pelas ruas do bairro da escola para conscientizar as pessoas sobre o preconceito racial?

Para a realização da passeata, o professor precisará enviar um comunicado aos pais solicitando autorização.

10) O livro *O Menino Marrom* mostra que devemos valorizar as pessoas pelo que elas são e que a amizade, a imaginação e a alegria devem sempre prevalecer. Uma importante personalidade negra falou certa vez sobre sonhos. O nome desse homem era Martin Luther King. Ele foi um importante líder político que

lutava pelos direitos dos negros nos Estados Unidos. Ele disse: “*Eu tenho um sonho...*”

- a) E você, tem sonhos de ver um mundo mais justo, sem preconceitos, com mais amor e união?
- b) Escreva sobre seu sonho em um cartaz e ilustre o texto com recortes, colagens ou desenhos e apresente para os colegas.

11) Assim como Martin Luther King foi uma personalidade negra muito importante para a história do mundo, outras personalidades negras contribuíram para que o mundo fosse melhor. Em dupla, faça o seguinte:

- a) pesquise sobre uma personalidade negra;
- b) escreva uma pequena biografia dessa pessoa, contando quem ela é ou foi e o que fez para tornar o mundo mais justo e humano;
- c) construa um portarretrato com material de sucata para colocar uma foto da pessoa pesquisada;
- d) organize uma exposição com as fotos das personalidades pesquisadas por sua turma.

A foto pode ser em Xerox preto e branco. O professor precisa providenciar o local para a exposição, de preferência, que seja algum lugar de destaque da escola ou, se possível, que possa ser realizada em algum local público da comunidade como um museu, um espaço de um órgão público, onde tenha grande fluxo de pessoas, podendo ser utilizada como uma atividade para o Dia da Consciência Negra.

12) No decorrer da narrativa, o Menino Marrrom, o Menino Cor-de-rosa e seus colegas de classe são levados para o laboratório de ciências da escola e lá a professora mostra o Disco de Newton, por isso, junto com um colega, faça uma pesquisa sobre:

- a) o que é e como funciona o disco de Newton?
- b) quem foi Isaac Newton, o inventor desse círculo?
- c) caso sua escola não possua um Disco de Newton, construa um junto com sua turma e com material de sucata.

13) O livro fala muito a respeito das cores, das misturas e das descobertas que os meninos faziam. As tintas podem ser feitas da mistura de raízes, de plantas ou de uma maneira mais moderna, em uma fábrica. Em nossa cidade, existe uma fábrica de tintas. Vamos fazer uma visita à fábrica e descobrir juntos como as tintas são feitas lá?

O professor irá marcar, previamente, a visita com a fábrica e organizar com a direção da escola o transporte, a autorização dos pais e tudo que necessitar para que a visita seja feita com êxito.

14) Após realizar a visita à fábrica de tintas, conte, por meio de uma história em quadrinhos, o que mais chamou a sua atenção.

--	--	--	--

15) E, você já pensou em ser um inventor de tintas? Você sabia que podemos fazer tinta a partir de folhas, flores, frutos e raízes de plantas? Junto com um colega, faça uma pesquisa, no laboratório de informática da escola, sobre quais plantas podem ser usadas para fazer tinta. Se você conhecer alguma dessas plantas, traga para a aula, para junto com sua turma, criar tintas.

16) Para a próxima aula, traga materiais de sucata para que seja construída, juntamente com seus colegas, uma maquete recriando a fábrica visitada. Pinte a maquete com as tintas que você e seus colegas criaram. Exponha a maquete para outras turmas da escola apreciarem.

17) A partir do que você e seus colegas aprenderam, crie uma história sobre amizade, dizendo “não ao preconceito”, para ser escrita e ilustrada para um livro a ser exposto na biblioteca da escola, para que outros alunos possam ler.

O livro a ser confeccionado poderá ser um livro de tecido, podendo ser explorada a questão das tintas produzidas pelos alunos para pintar as ilustrações. Podem-se formar duplas para escrever e ilustrar as páginas do livro.

5.2 ROTEIRO DE LEITURA SOBRE O LIVRO HISTÓRIAS DA CAROLINA - A MENINA SONHADORA QUE QUER MUDAR O MUNDO, DE ZIRALDO

Histórias a serem trabalhadas: “Carolina e as plantas” e as histórias de “O jardim de Carolina”.

a) Disciplinas a serem contempladas:

- Língua Portuguesa;
- Ciências;
- Artes;
- Geografia;
- História.

b) Conteúdos que podem ser trabalhados:

- **Língua portuguesa:** Leitura, interpretação textual, acentuação gráfica, separação de sílabas, substantivos próprios e comuns, adjetivos, tempos verbais, uso do “s”, “x” e “z”, tipos de balões de histórias em quadrinhos.
- **Ciências:** Partes das plantas, classificação das plantas, fotossíntese, tipos de solo, fases da lua.
- **Geografia:** Mapeamento do bairro, localização dos parques e das praças da cidade, levantamento dos locais com mais e com menos arborização.
- **História:** História dos nomes das praças e dos parques da cidade.
- **Arte:** Confeção de maquetes, mapas, historinhas em quadrinhos.
- **Temas transversais:** Ética, cidadania, ecologia.
- **Tempo previsto de aplicação do roteiro:** Duas semanas.

5.2.1 Atividade introdutória de recepção ao texto

Como atividade introdutória para a leitura do livro “Histórias da Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo”, de Ziraldo, propõe-se que o professor conduza a turma até um jardim ou um local na escola onde haja uma árvore ou plantas, ou ainda, se for possível, que a turma possa ser levada a uma praça próxima à escola. Caso isso não seja possível, levar a turma até um desses locais, o professor poderá levar para a sala de aula algumas plantas ou pedir que os alunos levem plantinhas para montar uma espécie de minijardim.

Caso o professor escolha a opção de levar os alunos a alguma praça próxima à escola, necessitará enviar um bilhete com antecedência, solicitando a autorização para os pais das crianças.

- 1) Estando no espaço com plantas, o professor dialogará com os alunos perguntando questões do tipo:
 - a) Qual a sensação de estar em um local cheio de plantas?
 - b) Qual a utilidade das plantas para o ser humano e para os animais?
 - c) Você já plantou alguma planta?
 - d) Você possui plantas em sua casa?
 - e) Você gostaria de plantar e cultivar alguma planta? Por quê?
 - f) Você conhece alguém que planta, cuida e protege as plantas?
 - g) Você acredita que isso seja importante? Por quê?
- 2) Após o diálogo com os alunos, o professor poderá dizer que irá apresentar à turma alguém que gosta muito de plantas e faz de tudo para cuidá-las e protegê-las.
- 3) O professor poderá falar um pouco sobre a personagem Carolina para instigar ainda mais a curiosidade dos alunos.
- 4) Após essa introdução, o professor apresentará o livro aos alunos e fará, juntamente com eles, a leitura da história “Carolina e as plantas” e o primeiro episódio das histórias de “O jardim de Carolina”.

5.2.2 Compreensão oral do texto

1) A partir da leitura do livro, o professor poderá realizar a compreensão oral do texto com questões como:

- a) O que mais chamou sua atenção na personagem Carolina?
- b) Por que Carolina levava plantas para casa?
- c) Por que a mãe de Carolina disse para ela tirar as plantas de casa?
- d) O que os amigos fizeram para ajudar Carolina a solucionar o problema?
- e) Como o problema foi resolvido?
- f) Por que a mãe de Carolina não entendeu a resposta: “consegui ficar com algumas verdinhas”?

2) Após a compreensão oral, a turma poderá ser dividida em grupos de três crianças e cada trio receberá um episódio das histórias de “O jardim de Carolina”, para que a leiam de forma silenciosa e depois em voz alta para a turma, fazendo as entonações necessárias ou representando cada episódio em forma de teatro.

3) Após a leitura e a apresentação dos episódios por parte dos alunos, seguirá a compreensão escrita.

5.2.3 Leitura compreensiva e interpretativa

1) Em sua opinião, qual a relação entre a história “Carolina e as plantas” e “O jardim de Carolina?” _____

2) Por que, na história de “Carolina e as plantas”, a personagem falou: “É preciso proteger as plantas senão elas vão desaparecer?”

3) Carolina é amante e protetora das plantas e faz o possível para protegê-las. Você julga importante proteger e cuidar das plantas? Por quê?

4) Por que Carolina resolveu fazer um jardim no condomínio em que mora?

5) Para cultivar um jardim no condomínio, várias pessoas presentearam Carol com objetos que seriam úteis para o cultivo das flores, porém, não ofereceram ajuda para plantarem ou cultivarem as plantas. Em sua opinião, por que a maioria das pessoas reagem como os personagens da história?

6) Por que Carolina ficou decepcionada com o presente de Shirley?

7) Qual foi o papel desempenhado pelos amigos de Carolina nas histórias:

a) Carolina e as plantas: _____

b) O jardim de Carolina: _____

c) O jardim passou a fazer parte da vida dos moradores do condomínio e dos amigos de Carolina. Reescreva um dos episódios lidos onde isso fica evidente.

d) No final do livro, Carolina transforma seu jardim em uma horta e fica decepcionada, pois as pessoas não perceberam a mudança e continuaram agindo como se Carolina ainda cultivasse o jardim. Em sua opinião, por que, às vezes, as pessoas não percebem pequenas, mas importantes, mudanças à sua volta?

5.2.4 Aprendendo a partir do texto

1) No título do livro que lemos, encontramos palavras que se referem a nomes comuns, nomes próprios, características e ações. Ligue as palavras ao grupo a que pertencem:

Histórias ◦

Menina ◦

Sonhadora ◦	◦ Ação (verbo)
Quer ◦	◦ Nome comum (substantivo comum)
Mudar ◦	◦ Nome próprio (substantivo próprio)
Carolina ◦	◦ Característica (adjetivo)
Mundo ◦	

2) No título, o autor atribui uma característica à Carolina, pois a chama de sonhadora. As características também são chamadas de adjetivos. Que características (adjetivos) você atribuiria às seguintes personagens e por quê?

- a) Menino Maluquinho: _____
- b) Julieta: _____
- c) Shirley: _____
- d) Carolina: _____

3) Ainda com relação ao título do livro “Histórias da Carolina - a menina sonhadora que quer mudar o mundo”. A palavra “quer” é um verbo, ou seja, uma ação.

a) Em qual tempo essa ação está sendo realizada?

() presente () passado () futuro

b) Em sua opinião, por que o autor escreveu “quer” e não “queria” ou “quis”?

O que o autor está sugerindo? _____

4) No primeiro episódio das histórias de “O jardim de Carolina”, a personagem Julieta conversa com Carolina sobre o jardim que será feito no condomínio. Nesse diálogo, aparecem alguns verbos (ações) que estão em diferentes tempos e modos verbais. Observe os verbos destacados no diálogo e transcreva-os para a tabela abaixo, de acordo com o tempo e o modo em que estão escritos.

É verdade que você vai fazer um jardim aqui no condomínio, Carolina?

É sim! Falei com o síndico e ele adorou! Me deu até este regador de presente.

Presente	Passado	Futuro	Infinitivo

5) A mãe de Carolina pede para ela retirar as plantas de casa imediatamente. Por que o autor escreveu a palavra “i-me-di-a-ta-men-te” dessa maneira?

6) Assim como o autor escreveu “i-me-di-a-ta-men-te” de maneira separada, imagine que você está escrevendo e a linha de seu caderno acaba. Como você separaria as palavras para continuar escrevendo? Escreva três possibilidades para cada palavra.

Admiro _____

Consciência _____

Ecológica _____

Carrinho _____

Incêndios _____

Coitadinhas _____

Região _____

Cuidado _____

7) Nas histórias que lemos, aparecem palavras que são semelhantes na forma como são acentuadas. Nos quadros abaixo, existem três grupos de palavras que precisam ser acentuadas, então:

- pesquise no dicionário como se acentua cada palavra;
- acentue cada palavra em seu respectivo grupo;
- escreva o nome que cada grupo possui de acordo com a acentuação: (oxítone, paroxítone ou proparoxítone);
- justifique por que recebem esse nome.

Maximo – sindico – deposito – publico – otimo - cerebro – classica

Nome grupo desse grupo palavras: _____

Por que recebem esse nome? _____

Condominio – incendios – paciencia – consciencia - musica – lirio - incrível

Nome desse grupo de palavras: _____

Por que recebem esse nome? _____

Esta – tambem – pa – voce

Nome desse grupo de palavras: _____

Por que recebem esse nome? _____

8) A mãe de Carolina diz à filha: “*Carolina, você exagerou nessa mania de trazer plantas pra casa!*” A palavra **exagerou** é escrita com “x”, mas tem som de /z/ e a palavra **trazer** é escrita com “z” e tem som /z/. Existem também palavras que são escritas com “s”, mas também possuem som de /z/. Então, junto com outros dois colegas, pesquise, em jornais e revistas, palavras escritas com “x”, “s” e “z” em que essas letras tenham som de /z/ e cole nas colunas abaixo.

Palavras escritas com X com som de /z/	Palavras escritas com S com som de /z/	Palavras escritas com Z com som de /z/

9) O livro que lemos está em forma de histórias em quadrinhos. Você conhece os tipos de balões que são utilizados para escrever histórias em quadrinhos? Em dupla com um colega, pesquise, no laboratório de informática da escola, diferentes tipos de quadrinhos, desenhe-os nos espaços abaixo e escreva uma frase para cada tipo de balão:

Fala de um personagem	Pensamento do personagem	Cochicho do personagem
Grito do personagem	Fala de mais personagens	O personagem teve uma ideia
O personagem está com dúvida	O personagem está admirado	O personagem não consegue se expressar
O personagem está triste	O personagem está cantando	O personagem está zangado

5.2.5 Transferência e aplicação da leitura

1) Assista ao vídeo da música “Que tal²³”.

2) Qual a relação entre as histórias que lemos “Carolina – A menina sonhadora que quer mudar o mundo” e a música “Que tal”?

3) Assim como vimos nas histórias de Carolina e na música “Que tal?”, nós também podemos realizar algumas ações que podem contribuir para melhorar

²³ GRANDES PEQUENINOS. **Que tal?**. Mountain View: Google, 2015. (3 min 44 s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_EvnT2dVISQ>_Acesso em: 28 jan. 2018.

alguns locais próximos a nós. Então, que tal, juntos, realizarmos algumas ações como:

- Cultivar plantinhas em espaços de sua casa utilizando materiais recicláveis.
- Criar um jardim com garrafas pets e palets em sua escola.
- Limpar e plantar flores em uma praça do bairro onde você mora.
- Dar um abraço na praça como símbolo de cuidado, carinho e proteção por esse espaço.
- Solicitar junto ao horto florestal da cidade mudas de árvores nativas para plantar em ruas e espaços da comunidade.

Para a realização de todos os itens desta atividade, o professor deverá entrar em contato com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente solicitando autorização para limpar praças e plantar flores.

4) A partir livro lido, do vídeo que assistimos e de ações como as que realizamos, o que mais podemos fazer para conscientizar as pessoas sobre a importância de cuidar da natureza, preservar os animais, separar lixo e outras pequenas, mas importantes ações que podem ser realizadas para que tenhamos uma vida melhor? Sob a orientação do professor, forme grupos de quatro colegas para fazermos ações do tipo:

- Escrever cartinhas e deixar nas caixinhas de correspondências de vizinhos falando sobre a importância de cuidar da natureza.
- Criar faixas, cartazes, panfletos para distribuir na comunidade.

5) Sob a orientação do professor e com a ajuda do responsável pelo laboratório de informática da escola, escrever e-mails ou mensagens - para serem postadas nas redes sociais – falando sobre a importância do cuidado com a natureza, a preservação de animais, a separação do lixo e tantas outras pequenas coisas que se podem fazer para que se tenha um mundo e um futuro melhor.

6) A partir do que você conhece sobre a cidade onde mora ou depois de fazer uma pesquisa, responda:

- a) A cidade é considerada arborizada? _____

- b) Quais bairros são mais arborizados? _____
- c) Quais precisam ser mais arborizados? _____
- d) Existe alguma área de proteção ambiental? _____
- e) Onde fica localizada? _____
- f) Como se chama? _____
- g) Em sua cidade existe Jardim Botânico? _____
- h) Quais praças ou parques são considerados importantes para a cidade? Por quê? _____

7) A partir da pesquisa que você fez, pinte de verde no mapa da cidade as praças e parques importantes, de marrom os bairros mais arborizados e de amarelo os bairros menos arborizados.

Para esta atividade, o professor precisará providenciar o mapa da cidade dividido em bairros e com a localização de praças e parques.

8) Agora, procure fotos dos parques e das praças importantes de sua cidade e pesquise sobre a história dos nomes desses espaços e de reservas florestais e Jardim Botânico, se houver.

9) Após a pesquisa sobre os nomes dos parques e das praças e de reconhecer os locais por fotos e localizá-los nos mapas, agora, juntamente com outros dois amigos e sob a orientação do professor, confeccione uma maquete, com materiais recicláveis em que seja representado:

- a) um bairro arborizado que possua parques e/ou praças;
- b) um bairro que precise ser mais arborizado e onde talvez existam indústrias e fábricas;
- c) após a confecção das maquetes, apresente-a para a turma e façam discussões sobre a importância de haver locais arborizados na cidade.

10) Depois de termos conhecido os parques e praças da cidade por fotos, mapas e maquetes, que tal irmos até um desses parques ou praças e pesquisarmos sobre as espécies de árvores nativas que existem lá e catalogá-las de acordo com sua espécie, nome científico, idade, entre outros dados importantes?

11) Tire fotos de pelo menos duas árvores que existam na rua onde você mora e faça uma pesquisa para saber sua espécie, o nome científico e se são adequadas para estarem plantadas próximas a calçadas e residências.

12) Sabemos que é muito importante plantar árvores, porém, alguns cuidados são muito importantes para que as árvores cresçam saudáveis e não causem problemas com suas raízes e galhos. Com a ajuda do professor, organize as seguintes ações com sua turma:

- a) escreva uma carta convidando um biólogo da cidade e um ofício ao corpo de bombeiros convidando um bombeiro para realizarem palestras na comunidade sobre quais árvores deveriam ser plantadas e cultivadas na sua comunidade e sobre como cultivá-las e mantê-las.
- b) faça convites para essa palestra e espalhe por toda a escola, para amigos e vizinhos. Se possível, coloque esses convites em redes sociais ou em jornais do bairro.
- c) escreva uma carta ao horto florestal da cidade solicitando mudas de árvores para serem entregues no dia da palestra para as pessoas participantes.

13) Agora que você já conhece a respeito de muitas espécies de plantas, pesquise sobre: o que é fotossíntese e qual sua importância para o ser humano e para os animais? _____

14) Com toda sua turma e sob a orientação do professor, desenhe uma árvore em um papel pardo grande, colocando as partes da planta e ilustrando como ocorre o processo de fotossíntese.

15) Você percebeu que, em cada episódio das histórias do “Jardim de Carolina”, o autor-artista ilustrou as fases da lua? Sendo assim, que tal...

- a) pesquisar sobre cada fase da lua?
- b) realizar uma pesquisa com pessoas mais idosas sobre a relação entre as fases da lua e o plantio de flores, frutas e verduras?

- c) faça uma visita com sua turma até um lar de idosos para realizar essa pesquisa e leve mudinhas de flores, de chás ou de hortaliças para presentear os idosos, a fim de tornar o dia a dia deles mais alegre?

16) Em um dos episódios das histórias de “O Jardim de Carolina”, o Menino Maluquinho levou minhocas para Carolina colocar no jardim. Por que ele fez isso?

- a) Qual a função das minhocas para o cultivo e o crescimento das plantas? _____
- b) Como se faz um minhocário? _____
- c) Confeccione um minhocário com sua turma, se tiver espaço em sua escola.

17) Em outro episódio, Carolina e Bocão estavam conversando e Bocão repetia muito a expressão: “*Isso não está me cheirando bem.*” Carolina olhou para ele e disse: “*Claro, você pisou no adubo.*” O adubo, a terra preta ou húmus são utilizados para o cultivo de plantas. Faça uma pesquisa em livros ou na internet sobre:

- a) O que é húmus? _____
- b) Qual a sua importância para o crescimento das plantas?

18) A horta também é importante e útil, pois as verduras e os legumes são fundamentais para nossa saúde. Que tal fazermos como a Carolina e encontrarmos uma maneira de também fazermos uma horta em nossa escola?

19) A partir de tudo o que vimos e vivenciamos após a leitura do livro de Ziraldo, produza uma história em quadrinhos para registrarmos nossas vivências e depois exponha-a em um local visível na escola ou junto com os colegas e o professor confeccione um livro para registrar a sua história em quadrinhos e a de seus colegas.

No final do roteiro, o professor poderá escrever a um jornal do bairro ou da cidade, enviando fotos para serem publicadas ou para fazer uma matéria ou, se for possível, pode convidar um jornalista para ir até a escola e entrevistar os alunos para que falem sobre o que aprenderam e sobre as vivências após a leitura do livro “Histórias de Carolina – a menina sonhadora que quer mudar o mundo”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como tema a “A Literatura e a Construção da Ética e da Cidadania no Ensino Fundamental” e discutiu como a literatura de Ziraldo pode contribuir para a construção da ética e da cidadania de alunos do ensino fundamental. Para tanto, estabeleceu-se como objetivo geral criar propostas pedagógicas, sob a forma de roteiros de leitura, para promover a construção de uma consciência voltada para a ética e para a cidadania de estudantes, a partir de obras de Ziraldo. E, como objetivos específicos: investigar a construção dos conceitos de ética e de cidadania no Ensino Fundamental; compreender a importância da literatura como estratégia para a formação da cidadania; verificar em que medida as obras de Ziraldo podem contribuir para a formação de uma consciência ética e cidadã de estudantes do Ensino Fundamental; elaborar um e-book com os roteiros de leitura com roteiros de outros alunos do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Feevale, para oferecer aos professores da educação básica da região.

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo, introduziu-se o tema, justificou-se a escolha do tema, apresentou-se a questão de pesquisa e os objetivos do trabalho.

No segundo capítulo, discutiu-se, a partir dos estudos de autores como Arendt, La Taille, Freire, Libâneo, Streck, Piaget, entre outros, a formação da ética e da cidadania de crianças do Ensino Fundamental, partindo de uma reflexão a respeito da função da escola e sobre como a criança constrói esses conceitos. Concluiu-se que a escola é considerada uma das principais instituições da sociedade responsável pela formação ética, moral e cidadã das crianças e dos jovens. A escola é o espaço que faz a intermediação para a criança entre a família e o mundo. Cabe a ela a função de não apenas transmitir conteúdos acadêmicos, mas também de preparar para a vida em sociedade. Esse preparo inclui a construção de conceitos de ética e cidadania, tais como: o respeito ao próximo, a valorização do outro, a igualdade étnico-racial, a preocupação com questões ambientais, o uso do diálogo, a não violência e a consciência de que cada um deve fazer a sua parte para tornar o mundo melhor. A escola assume um importante papel na construção desses conceitos, porque as crianças constroem tais conceitos e valores a partir da internalização e da

interação afetiva com o grupo social do qual fazem parte. Sendo assim, quanto mais significativas forem as maneiras que a escola utilizar para incentivar e promover a construção de valores, mais serão aprendidos pelas crianças e tendem a perdurar ao longo de suas vidas.

No terceiro capítulo, buscou-se compreender a importância da literatura para a formação do cidadão, tomando como base estudos de Lajolo, Antonio Candido, Abramovich, Zilbermann, Frantz, entre outros. Esse estudo mostrou que a literatura pode contribuir para que o indivíduo possa exercer plenamente sua cidadania, pois a literatura amplia os horizontes, o conhecimento de mundo e promove a reflexão, sendo capaz de fazer o leitor conhecer outros mundos, outros saberes, outras culturas, outras éticas e outras óticas, como salientou Abramovich (1999). Evidenciou-se, nesse capítulo, ainda, a importância da promoção e do incentivo da leitura literária por parte da escola, pois não basta o aluno ler, ele precisa saber ler, saber interpretar e entender o que leu, a fim de que a leitura seja significativa, pois, como disse Zilbermann (2006), para se constituir um leitor, não basta a leitura informativa, é necessária a leitura literária e a escola precisa trabalhar em seu cotidiano esse tipo de leitura.

Na sequência, no capítulo quatro, investigou-se a pertinência das obras *O Menino Marrom* e *Histórias da Carolina – A Menina Sonhadora que quer mudar o mundo*, de Ziraldo, para a construção da ética e da cidadania de crianças do Ensino Fundamental. O estudo levou à conclusão de que tais obras cumprem um importante papel social, pois levam os leitores à reflexão e à construção de um pensamento crítico e autônomo em relação a questões sociais e atuais para a sociedade em que estamos inseridos. Ziraldo, nessas duas obras, propõe a discussão do preconceito, das diferenças étnico-raciais e o engajamento com questões ambientais, incentivando o público leitor a também refletir como o Menino Marrom e a ter ideias e atitudes em prol do bem comum, como faz a personagem Carolina.

A constatação da pertinência das obras de Ziraldo para a construção da ética e da cidadania no Ensino Fundamental levou à elaboração dos roteiros de leitura apresentados no quinto capítulo. Esses roteiros, se aplicados, podem contribuir para a construção da ética e da cidadania das crianças, porque promovem a reflexão e o diálogo e incentivam os estudantes a realizarem ações

práticas, simples, mas de grande importância para que as crianças internalizem tais conceitos.

Por fim, cabe destacar que a formação ética e cidadã está prevista na Constituição Federal do Brasil, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nas Diretrizes para a Educação Básica e em diversos documentos do Ministério da Educação do Brasil, diante disso, um trabalho voltado para a ética e a cidadania precisa acontecer, diariamente, no cotidiano da escola, a partir de diversos segmentos da instituição e, principalmente, precisa estar presente no currículo escolar. As instituições escolares podem utilizar diversas maneiras para realizar um trabalho voltado para a construção da ética e da cidadania, com atividades significativas e prazerosas para os estudantes e uma dessas maneiras é a literatura.

A literatura é um dos meios pelos quais a escola pode valer-se para construir uma consciência ética e cidadã com os estudantes, principalmente com as crianças do Ensino Fundamental, porque, nessa etapa da vida estudantil, as crianças são receptivas, possuem aguçado juízo de valor, além de serem criativas, dotadas de sensibilidade e de vontade de aprender, descobrir e realizar. A literatura proporciona encantamento, alegria, brincadeira, descoberta e prazer e pode levar o indivíduo à reflexão, ao questionamento, à construção do pensamento crítico, à percepção de que é possível viver uma nova realidade, modificando a sua, se preciso for.

Entretanto, para que a literatura seja utilizada como uma ferramenta para a formação do indivíduo e de transformação social, é necessário que a escola incentive, promova e trabalhe com a leitura literária e, não apenas “de vez em quando ou uma vez ao ano”, como afirmou Abramovich (1999), mas todos os dias, levando a criança a ter gosto pela leitura literária, pelos livros, para que perceber que a leitura é um ato emancipatório, pois desenvolve o pensar, o escrever, o entender, promovendo a verdadeira cidadania, pois, conforme Lajolo (2008), para exercer plenamente as funções de cidadão, o sujeito precisa se apropriar da leitura e da escrita.

Sendo assim, a literatura “é um poderoso instrumento de educação e transformação”, como evidenciou Antonio Candido (1989), por isso ela deve ser trabalhada e valorizada pela escola, de modo que possa contribuir para a construção da consciência ética e cidadã dos estudantes.

A literatura infantil produzida por Ziraldo consegue promover o encontro entre a descoberta, o prazer da leitura e o encantamento com a reflexão sobre problemas e causas sociais, despertando o leitor para o pensamento crítico, autônomo e para a realização de ações que evidenciem a cidadania e busquem o bem do outro, da comunidade, do país e do mundo.

As obras *O Menino Marrom* e *Carolina - A Menina Sonhadora Que Quer Mudar o Mundo*, de Ziraldo, estudadas neste trabalho, são exemplos de literatura que promove a emancipação do indivíduo, que desperta para as causas sociais, na medida em que leva a refletir sobre problemas ambientais, sobre o preconceito existente na sociedade entre outros assuntos. Por meio das atitudes das personagens, são construídas as ideias de que é possível valorizar as diferenças, aprender com o outro, promover a cidadania e realizar ações que visem ao bem-comum; além disso, despertam no leitor a reflexão, a construção do pensamento autônomo e a busca por soluções para modificar a realidade à sua volta.

Os roteiros de leitura que foram construídos a partir das duas obras de Ziraldo procuram despertar nos estudantes a reflexão, o pensamento crítico e autônomo, por meio da leitura, do diálogo, da produção de textos de diversos gêneros, da promoção da interdisciplinaridade, do uso da criatividade com a produção de cartazes, desenhos, maquetes, exposições, bem como da interação com a comunidade, por meio de pesquisas, entrevistas, visitas e, principalmente, provocando nos alunos o interesse de realizar ações práticas que colaborem com a sociedade, de forma que compreendam, na prática, que é possível ser cidadão, vivenciando a cidadania e tendo consciência ética.

Por tudo isso, os roteiros são longos, porém abertos, dando a oportunidade ao educador de escolher quais atividades quer desenvolver com seu grupo de alunos e quais se adequam melhor à sua realidade. Pretende-se que o professor se engaje na proposta e, realmente, consiga conduzir os estudantes para a construção de uma consciência voltada para a ética e para a cidadania.

Chegando ao final do trabalho e de um período de dois anos de estudos e de pesquisas, fica ainda mais evidente para mim, que a educação é o caminho para a construção de uma sociedade melhor, mais justa, igualitária, sem preconceitos étnico-raciais, que saiba usar o diálogo, que ensine as futuras

gerações a cuidar do meio ambiente e a conviver pacífica e harmoniosamente com o outro.

Neste sentido, a conclusão a que chego é que, diante de uma sociedade tecnológica como essa em que estamos inseridos, em que, na maioria das vezes, o *Ter* prevalece sobre o *Ser*, em que os valores éticos são deixados de lado, em que a tolerância, o diálogo e o respeito têm sido esquecidos e em que a vantagem do Eu sobre o Outro tem prevalecido, é fundamental que a escola desempenhe seu papel social como agente de educação e transformação. As instituições educacionais precisam cumprir tal tarefa, pois a formação do cidadão perpassa as salas de aula de todo o país.

Assim, como trabalhos futuros, proponho a aplicação dos roteiros criados, avaliando-se suas contribuições para o fim para o qual foram criados, a construção da ética e da cidadania de crianças do Ensino Fundamental e a criação de novos roteiros, a partir de outras obras de Ziraldo ou de outros autores.

7 REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

AMORIM, Galeno. **Leitura e Cidadania**, 2007. Disponível em: <<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/10/26/leitura-e-cidadania>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

ARAÚJO, Ulysses. **Vídeo Aula: O Juízo Moral da Criança**. Disponível em: <<https://coordenandoospassos.wordpress.com/2011/09/18/aula-3-o-juizo-moral-na-crianca/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ARENDT, Hannah. **A Crise na Educação**, 1961. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017. Tradução de: Secretaria da Educação do Estado do Paraná.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BARROS, Clovis. **Revista de Educação**. Porto Alegre: SINEPE, 2017

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 7 ago. 2017.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BRITO, Danielle Santos de. A Importância da Leitura na Formação Social do Indivíduo. **Revela: Periódico de Divulgação Científica da FALS**, São Paulo, n. 8, Jun. 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/217281235/A-IMPORTANCIA-DA-LEITURA-NA-FORMACAO-SOCIAL-DO-INDIVIDUO>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura e da literatura infantil. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, SC, v. 8, n. 15, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47/5235>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e Literatura**. In: _____. Direitos Humanos e Literatura. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. A Literatura e a Formação do Homem. **Remate de Males**, São Paulo, SP, 1999. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>>
Acesso em: 27 jan. 2018.

CASCARELLI, Claudia. **Flicts, Livro de Artista**. São Paulo: Unesp, 2007.

CORTELLA, Mario Sergio; BARROS Filho, Clóvis de. **ÉTICA E VERGONHA NA CARA**. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2014.

COSTA, Marisa Vorraber. **A Escola Tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DAHER, Elias. **A Culpa é da Informática**. Brasília: Clube de Autores, 2015.

Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=DQSVcQAAQBAJ&pg=PA126&lpg=PA126&dq=%E2%80%9C%C3%89+claro+que+meus+filhos+ter%C3%A3o+computadores,+mas+antes+ter%C3%A3o+livros.%E2%80%9D&source=bl&ots=jBnZwXs7ti&sig=5-__FiLvu51IbMPR7HbxCLMqM7Y&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiL5LqtmYLZAhWSvVMKHf0XAH8Q6AEIWD AJ#v=onepage&q=%E2%80%9C%C3%89%20claro%20que%20meus%20filhos%20ter%C3%A3o%20computadores%2C%20mas%20antes%20ter%C3%A3o%20livros.%E2%80%9D&f=false>. Acesso em: 31 jan. 2018.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FLECK, Gilmei Francisco. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, RS 2007.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino de literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 1997.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. Piaget e a Consciência Moral: Um Kantismo Evolutivo? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 2, p. 303-308. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14354.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GRANDES PEQUENINOS. **Normal é ser diferente**. Mountain View: Google, 2015. (3 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. **Que tal?**. Mountain View: Google, 2015. (3 min 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_EvnT2dVISQ>. Acesso em: 28 jan. 2018.

GREGORIN Filho, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltipla linguagem na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HUNHOFF, Elizete Dall' Comune; SOUZA, Angélica Alves. Literatura Infanto-juvenil: A diversidade étnico-racial na obra O Menino Marrom de Ziraldo. **Revista Moinhos**, Cáceres, MG, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Formação Ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. As Crianças notam contradições éticas. **Revista Época**, São Paulo, 28 abr. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI229202-15228,00-YVES+DE+LA+TAILLE+AS+CRIANCAS+NOTAM+CONTRADICOES+ETICAS.html>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, Marisa Vorraber. **A Escola Tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ética e cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. **Ética e cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: Protagonismo Juvenil. Ética. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação, 2013.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Parecer CNE/CEB 07/2010. Brasília: Conselho Nacional de Educação. Parecer homologado: Despacho do Sr. Ministro de Estado de Educação, publicado no D.O.U. de 9/07/2010.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Parecer CNE/CEB 11/2010. Brasília: Conselho Nacional de Educação. Parecer homologado: Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 9/12/2010, Seção 1, Pág. 28.

_____. **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010.

NASCIMENTO, Milton. **Canção da América (1980)**. Mountain View: Google, 2010. (3 min 48 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlcQE4NeXow>>. Acesso em: 28 Jan. 2018

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. Tradução de: Fernando Santos.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Brasília, DF: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002343/234311por.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PEGORARO, Olinto A. **Ética dos maiores mestres através da história**. 5. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1994. Tradução de: Elson Lenardon.

PINTO, Ziraldo Alves. **Histórias da Carolina: A menina sonhadora que quer mudar o mundo**. São Paulo: Globo, 2007.

_____. A educação por Ziraldo. **Revista Literatura Uol**, São Paulo, SP, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.literatura.uol.com.br/a-educacao-por-ziraldo/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

_____. **Ler é mais importante que estudar**, 2009. Disponível em: <<http://olharparaver.blogspot.com.br/2009/09/ler-e-mais-importante-do-que-estudar.html>>. Acesso 25 jul. 2017.

_____. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

_____. Ziraldo: A Biografia. Disponível em: <<http://www.ziraldo.com/historia/biograf.htm>>. Acesso em: 21 Jul. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Porto Alegre, RS: SINEPE, n. 127, ago. 2017.

REVOREDO, Mariana; SOUZA, Renata Junqueira de. Família e escola: em busca da formação do leitor. **Revista UNIFAFIBE**, São Paulo 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9803212-Formacao-do-leitor-papel-da-familia-e-da-escola.html>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SÁ, Cristina. **O Menino Marrom, de Ziraldo**, 2014. Disponível em: <<https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com.br/2014/09/o-menino-marrom-de-ziraldo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; et al. **Literatura na Escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 30., 2003, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2003. p. 514-527. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/147890971/SILVA-I-M-M-Literatura-Em-Sala-de-Aula>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SOUSA, José Vieira de. **Ética e educação, que relação é esta?** Texto disponível para leitura em disciplina do curso de Ética na modalidade EAD da Universidade Católica de Brasília, 2013.

SOUZA, Hulda Cyrelli de. **Crescer e interagir**: Português. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

STRECK, Danilo R. (Org.) et. al. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TORO, Bernardo. **Códigos da Modernidade**. Colômbia, 1997. Disponível em: <<http://www.caf.ufv.br/sites/detalhesNoticia/41/206>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Tradução de: Antônio Carlos Gomes da Costa.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015.

VAZ, Michelle. Ética de Platão e Aristóteles: diferenças e semelhanças. **Psicologia MSN**, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologiamsn.com/2014/10/etica-de-platao-e-de-aristoteles-diferencas-e-semelhancas.html>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

VIEIRA, Renata da Silva; BRAGATTO, Thaís; KEPLER, Vera Lúcia Merbach Vila. A obra de Ziraldo como representação do cotidiano escolar da criança. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ISEU, 2005. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoesanteriores/anais15/alfabetica/BragattoThais.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. Da Literatura para a vida. In: SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; et al. **Literatura na Escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto (Org.). **Leitura-práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Ler é dever, livro é prazer. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012.

_____. Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor. In: _____. **A produção cultural para a criança**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.